

cinemateca

JULHO 2025



EDUARDO SERRA, "INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"

BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA

TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

ERA UMA VEZ... O WESTERN

CARTA BRANCA A DAVID STENN

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

O sol de verão faz bem às nossas amizades, bronzeia-as. Saímos de casa, desligamos TVs, PCs e TLMs, e oleamos o laço que nos une uns aos outros. A programação de julho é um hino a esse laço humano que faz de nós pessoas melhores, senão vejamos! De novo com Michael Curtiz, o filme *AS AVENTURAS DE HUCKLEBERRY FINN*, conta a história da construção duma amizade entre Huck e Jim na América violenta e escravagista do século XIX. Em *O DESAPARECIMENTO DE FINBAR*, de Sue Clayton, Danny procura o amigo Finbar até aos confins da Lapónia. *YUKI E NINA* (de Hippolyte Girardot e Nobuhiro Suwa), amigas inseparáveis, procuram evitar a separação dos pais de Yuki e a sua separação pela distância que vai da França ao Japão. Em *UMA FAMÍLIA À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS*, de Valerie Faris e Jonathan Dayton, o laço humano põe toda a família Hoover, numa furgoneta amarela, a caminho de um aberrante concurso de beleza infantil na Califórnia e a dançar com Olive num palco de misses, numa das cenas mais estranhamente tocantes de que a JÚNIOR tem memória.



THE ADVENTURES OF HUCKLEBERRY FINN

► Sábado [05] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE ADVENTURES OF HUCKLEBERRY FINN

As Aventuras de Huckleberry Finn

de Michael Curtiz

com Eddie Hodges, Tony Randall,
Mickey Shaughnessy, Buster Keaton

Estados Unidos, 1960 – 105 min
legendado eletronicamente em português | M/6

Primeira adaptação do romance clássico americano de Mark Twain *As Aventuras de Huckleberry Finn* que encantou gerações de leitores. Trata-se da história de uma grande amizade entre dois garotos na América do século XIX. Huck Finn foge de casa com o seu amigo Jim rumo ao Norte, onde as pessoas são livres. Juntos vivem muitas aventuras, com momentos de tensão e humor, durante uma longa viagem de jangada no rio Mississípi. O filme é também uma crítica à sociedade americana que lança luz sobre o racismo, a hipocrisia, a luta pela liberdade e o valor da amizade. A sessão integra o Ciclo “*Teremos Sempre Michel Curtiz*”.



LITTLE MISS SUNSHINE

► Sábado [12] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE DISAPPEARANCE OF FINBAR

de Sue Clayton

com Luc Griffin, Jonathan Rhys Meyers,
Sean Lawlor, Chris Meehan

Irlanda, Suécia, Reino Unido, 1996 – 105 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Finbar e Danny são amigos desde a infância e vivem numa pequena cidade irlandesa. Finbar tem a oportunidade de jogar numa equipa internacional de futebol e aproveita para deixar a Irlanda e desaparecer. Danny parte à procura do amigo. Conseguirá encontrá-lo e recuperar a velha cumplicidade? Filme dirigido por Sue Clayton, conhecida também pela realização de documentários sobre jovens migrantes e refugiados. *A sessão integra o Ciclo Eduardo Serra, “Interpretar um Texto com Luz”* (Ver pág. 04).

► Sábado [26] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LITTLE MISS SUNSHINE

Uma Família à Beira de um Ataque de Nervos

de Valerie Faris, Jonathan Dayton

com Abigail Breslin, Greg Kinnear, Paul Dano,
Toni Collette, Steve Carell

Estados Unidos, 2006 – 101 min
legendado em português | M/12

Road movie sentimental sobre uma família, disfuncional quanto baste, que se mete à estrada numa furgoneta Volkswagen amarela a partir de Albuquerque para levar a pequena Olive até um concurso de beleza na Califórnia. Obra multipremiada, vencedora de dois Oscars, o de Melhor Argumento, para Michael Arndt, e o de Melhor Ator Secundário, para Alan Arkin, ator “em majestosa decadência”, segundo Luís Miguel Oliveira (*Público*), interpretando um avô com mau feitio e maus vícios, mas muito “derretido” pela neta.

ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR	02
EDUARDO SERRA, “INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ”	03
BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA	06
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (PARTE VI – CONCLUSÃO)	08
REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (PARTE II – CONCLUSÃO)	10
CARTA BRANCA A DAVID STENN	12
COM A LINHA DE SOMBRA	14
SESSÃO DE ANTECIPAÇÃO DOCLISBOA 2025	14
CALENDÁRIO	15

► **CAPA HOOPLA**
de Frank Lloyd [Estados Unidos, 1933]

AGRADECIMENTOS

David Stenn; Hélène Serra; João Mário Grilo; Luís Filipe Rocha; Hannah Prouse, Richard Hillard (British Film Institute); Gesa Knole (Arsenal); Rodrigo Areias (Bando À Parte); Matthieu Grimault (Cinémathèque Française); Carmen Accaputo (Cineteca di Bologna); Kajsa Hedström (Swedish Film Institute); Abel Zuchuat (Cinémathèque Suisse); Maria Coletti (Cineteca Nazionale); Petteri Kalliomäki (National Audiovisual Institute – Finland); Lynanne Schweighofer (Library of Congress); Katie Trainor (Museum of Modern Art); Jaime Aparicio (Filmoteca da Ia UNAM –México).

EDUARDO SERRA, “INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ”

Eduardo Serra é o mais internacional dos diretores de fotografia portugueses. Nascido em Lisboa, em 1943, no seio de uma família modesta do bairro da Picheleira, manteve com Portugal uma relação de vai-e-vem desde que, em 1963, se exilou em Paris, depois de participar nas lutas estudantis da paradigmática Crise Académica de 1962 (fortemente reprimida pela ditadura). Abandonou o curso de engenharia, em que estava inscrito no Instituto Superior Técnico (“quando entrei para o Técnico já tinha as maiores dúvidas que isso fosse a minha vida. Tentei. Andei lá três anos. No primeiro ano, não correu muito bem; só fiz uma cadeira. Já estava mergulhado nos cineclubes...”), e foi para França, onde estudou cinema, na École Nationale de Photographie (vocacionada para diretores de fotografia e engenheiros de som), terminando a sua formação em 1966. Depois disso, conclui ainda o curso de História da Arte e Arqueologia na Universidade de Paris-Sorbonne em 1970.

Iniciou o seu percurso como operador de câmara e assistente de imagem na década de 1970, em filmes de realizadores como Alain Cavalier, Francis Girod ou Patrice Leconte. E, já no final da década, começa a assinar os primeiros filmes como diretor de fotografia (documentário e filmes de curta-metragem), sendo que será José Fonseca e Costa, que conhecia há poucos anos, quem primeiro aposta no seu talento. SEM SOMBRA DE PECADO será, portanto, o seu cartão de visita. Como explicou em entrevista, “Organizei uma projeção em Paris, convidei toda a gente que conhecia, vieram muitos, e nunca mais parei. No mês que se seguiu à sessão, propuseram-me vários filmes e a coisa começou a pegar. Curiosamente trabalhei, como diretor de fotografia com realizadores com quem já tinha trabalhado como assistente, o que não acontece muitas vezes. Mas já tinha feito mais de trinta filmes como primeiro assistente, conhecia muita gente.”

Assim, nesse arranque da década de 1980, Eduardo Serra começa por trabalhar numa série de produções de cariz popular: comédias e filmes de ação. Nomeadamente, em filmes de François Leterrier (LE GARDE DU CORPS e TRANCHES DE VIE) e também nas estreias na realização de dois dos atores cómicos mais conhecidos do público francês, Gérard Jugnot e Michel Blanc. De facto, os dois eram protagonistas de LE BRONZÉS (1978), sucesso comercial de Patrice Leconte (mais de 2 milhões de espectadores), no qual Eduardo Serra havia trabalhado como primeiro assistente de imagem. Tanto PINOT SIMPLE FLIC (de Jugnot) como MARCHÉ À L'OMBRE (de Blanc) tornam-se fenómenos de público (o primeiro chega perto dos 2 milhões e meio de bilhetes vendidos, ao passo que o segundo ultrapassa a barreira dos 6 milhões) e afirmam Eduardo Serra no coração da indústria do cinema francês.

A partir daí, o diretor de fotografia começa a ser um dos artífices mais requisitados, impondo gradualmente um estilo e uma metodologia, com especial preferência pela luz natural: “Tenho este princípio de respeitar as direções de luz natural, mesmo que seja um natural fabricado: quando há janelas, a luz vem das janelas. (...) O meu ponto de partida é sempre fazer uma luz que possa ser identificada como a luz natural da situação ou do lugar.” Além de trabalhar com cineastas portugueses (como José Fonseca e Costa, João Mário Grilo, Luís Filipe Rocha ou Fernando Lopes), fez carreira em França, no Reino Unido e nos Estados Unidos da América. Tornou-se colaborador habitual de dois nomes maiores do cinema francês, Claude Chabrol (com quem fez sete filmes) e Patrice Leconte (outros nove) e trabalhou também com realizadores ingleses (como Michael Winterbottom ou Iain Softley), e com cineastas norte-americanos (como M. Night Shyamalan ou Edward Zwick), tendo sido nomeado duas vezes para o Oscar de Melhor Direção de Fotografia: em 1997, por THE WINGS OF THE DOVE, e em 2003, por GIRL WITH A PEARL EARRING.

Do cinema popular ao cinema de autor europeu e do filme de qualidade inglês ao coração da indústria de Hollywood (foi o responsável pela fotografia dos dois últimos filmes da saga Harry Potter), o percurso de Eduardo Serra revela um método de “interpretar o texto com a luz” (citando de uma entrevista a Anabela Mota Ribeiro) que se caracteriza pela força da simplicidade. Este Ciclo acontece depois de, em 2005, a Cinemateca lhe ter dedicado um ciclo no âmbito da série “Grandes Diretores de Fotografia do Cinema Português”, e de ter organizado uma cerimónia de homenagem a propósito da entrega do Prémio Carreira 2014 da Academia Portuguesa de Cinema.



EDUARDO SERRA NA RODAGEM DO FILME I GRANDI MANOVERI [HEINZ PETER SCHWERFEL, 1986] © PHILIPPE PAVANS DE CECCATTY

► Terça-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

UN ANNIVERSAIRE

França, Portugal, 1975 – 22 min

RINK-HOCKEY – LE HOCKEY SUR ROULETTES

França, 1982 – 13 min

CINÉMA PORTUGAIS? UN MODE D'EMPLOI

França, 1990 – 40 min

filmes de Eduardo Serra

duração total da sessão: 75 min
legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE HÉLÈNE SERRA E AMIGOS

Além de diretor de fotografia, Eduardo Serra também realizou três documentários. Rodado em abril de 1975, UN ANNIVERSAIRE celebra o primeiro ano do 25 de Abril e, em particular, acompanha as primeiras eleições livres, para a Assembleia Constituinte, a partir das experiências dos trabalhadores agrícolas de três aldeias do distrito de Beja. Produzido pela francesa Copra Films (a mesma de TERRA DE ABRIL, de Philippe Costantini e Anna Glogowski,

também rodado em Portugal durante o PREC), esta curta-metragem marcou o regresso de Eduardo Serra a Portugal, depois de se ter instalado em Paris em 1963 como exilado. Já RINK-HOCKEY é um divertido e dinâmico retrato do 25.º Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins (que decorreu em Barcelos, em 1982, e do qual Portugal saiu vencedor), transformado num espetáculo de cores e movimento, pontuado pela sinfonia dos sticks e dos sintetizadores. Por fim, CINÉMA PORTUGAIS? UN MODE D'EMPLOI resulta de uma encomenda do canal de televisão SEPT (futuro ARTE) que, no âmbito da sua programação regular “Cinemas du Monde”, em maio de 1990, organizou um pequeno ciclo de cinema português, com filmes que iam da década de 1920 (OS LOBOS, de Rino Lupo) até à década de 80. Em jeito de introdução, Eduardo Serra realizou este ensaio crítico-histórico sobre as atribulações do cinema português, partindo especificamente dos casos (e das imagens) dos filmes que viriam a ser exibidos. Os três filmes, todos em primeira exibição na Cinemateca, serão apresentados em cópias digitais.

► Quarta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [14] 21h45 | Esplanada

LE MARI DE LA COIFFEUSE

O Marido da Cabeleireira

de Patrice Leconte

com Jean Rochefort, Anna Galiena,
Maurice Chevit, Albert Delpy

França, 1990 – 82 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Desde que Antoine, de 12 anos, viu Madame Sheaffer, a voluptuosa cabeleireira do bairro, soube que um dia se casaria com uma cabeleireira. À medida que os meses se transformam em anos e Antoine se recusa a esquecer a sua fantasia infantil, a silenciosa e distante Mathilde entra no seu mundo, apanhando-o de surpresa. Será ela uma ficção? LE MARI DE LA COIFFEUSE corresponde à segunda colaboração de Eduardo Serra com Patrice Leconte (fizeram nove filmes juntos), sobre quem o primeiro disse que “a ousadia e a força visual de Leconte levam-no muitas vezes a fazer coisas muito originais,

diferentes e variadas, absolutamente corretas e totalmente revolucionárias sem nunca se tornarem gratuitas. Os planos que inventou em LE MARI DE LA COIFFEUSE são de cortar a respiração! (...) Tive a rara oportunidade de filmar um dos meus filmes preferidos.” Além de se tornar num fenómeno mundial, o filme daria a Eduardo Serra a sua primeira e única nomeação para os prémios César, o galardão da Academia Francesa de Cinema.

- Quinta-feira [10] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [15] 21h45 | Esplanada

MARCHE À L'OMBRE

Vai Pela Sombra

de Michel Blanc

com Gérard Lanvin, Michel Blanc, Sophie Duez

França, 1984 – 90 min / legendado em português | M/12

De mochila às costas, dois músicos chegam a Marselha, vindos da Grécia. François (Gérard Lanvin) é talentoso e tem a ambição de conquistar os estúdios de música parisienses. Já Denis (Michel Blanc – o “Woody Allen francês” que se estreou como realizador com este filme) é ansioso e pessimista e parece atrair todo o tipo de azares. Inseparáveis e complementares, os dois vagueiam pelo submundo urbano até que, à porta de um cinema, conhecem Mathilde. Falecido no final de 2024, Blanc foi um dos atores cómicos mais populares do cinema francês e MARCHE À L'OMBRE tornou-se num extraordinário sucesso comercial, com mais de 6 milhões de espectadores, afirmando Eduardo Serra dentro da indústria francesa. Sobre o filme, explicou o diretor de fotografia “normalmente, a comédia não é muito interessante do ponto de vista fotográfico porque a luz não é um elemento na construção da história (...). Numa comédia, é a ação e não a luz que nos pode fazer rir. (...) Mas em MARCHE À L'OMBRE filmámos contra a luz da comédia, trabalhando o realismo e o claro-escuro”. Primeira exibição na Cinemateca.

- Quinta-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

AMOR E DEDINHOS DE PÉ

de Luís Filipe Rocha

com Joaquim de Almeida, João d’Ávila, Gemma Cuervo, Henrique Viana

Portugal, França, Espanha, 1991 – 124 min
legendado em português | M/12

COM A PRESENÇA DO REALIZADOR E EQUIPA

Francisco Frontaria (Joaquim de Almeida) – de boas famílias, mas perdulário, passa os dias em festas, a jogar à sueca e a fazer apostas em corridas de grilos – desdenhou, nos faustosos salões macaenses do início do século XX, a introvertida Victorina Vidal (Ana Torrent), que se converterá em atraente mulher, emancipada quanto aos preconceitos da elite social. De galã conquistador a indigente vai um saltinho. A tragédia e a redenção enlaçam-se nesta adaptação do romance homónimo do escritor macaense Henrique de Senna Fernandes. Rodado integralmente em Macau, o filme foge habilmente a sublinhar o exotismo orientalista, dedicando-se ao nervo emocional da história de amor que liga estes dois excluídos – em França o filme recebeu, apropriadamente, o título “Macau, Desprezo e Paixão”. O crítico Jorge Leitão Ramos elogiou a “cuidada reconstituição, o trabalho de cenografia e o refinamento plástico (onde a fotografia de Eduardo Serra é pedra angular).” A exibir em nova cópia digital.

- Sexta-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

O PROCESSO DO REI

de João Mário Grilo

com Carlos Daniel, Aurelle Doazan, Antonino Solmer, Carlos Medeiros, Gerard Hardy

Portugal, França, RFA, Itália, 1989 – 91 min
legendado em português | M/12

COM A PRESENÇA DO REALIZADOR E EQUIPA

Afonso, filho de D. João de Bragança, reinava, era louco e imbecil. A mulher, filha do Duque de Nemours, prima de Luís XIV, ousou conceber o projeto de destronar o marido. A estupidez do rei justificou a audácia da rainha. O PROCESSO DO REI, sobre a destituição de D. Afonso VI, não é um documentário histórico nem um filme sobre a história (com “h” pequeno ou grande, tanto faz). É uma

experiência do passado que, por hora e meia, e por obra e graça de todos estes maravilhosos mecanismos, se transmutou em presente. A propósito da imagem do filme, João Mário Grilo afirmou que “Procuro a verdade e acho que ela está inscrita na pintura. (...) Em O PROCESSO DO REI, o Daniel Arasse [historiador e co-argumentista] queria sair da pintura e eu queria sair do cinema. No fim encontrámo-nos a meio do caminho. O resultado é um filme muito pictórico, onde o contributo do Eduardo Serra foi essencial”. A exibir em nova cópia digital.

- Sábado [12] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

THE DISAPPEARANCE OF FINBAR

O Desaparecimento de Finbar

de Sue Clayton

com Luke Griffin, Jonathan Rhys Meyers, Sean Lawlor

Irlanda, Suécia, Reino Unido, 1996 – 105 min | M/12

Finbar e Danny são amigos de infância que vivem num bairro triste de uma cidade irlandesa. Finbar tem a oportunidade de jogar futebol numa equipa internacional, mas acaba por não a conseguir aproveitar e regressa. Foi como herói e voltou como derrotado. Num ato de desespero, salta de uma ponte e desaparece. Vários anos depois, Finbar telefona a Danny da Suécia. Surpreendido, Danny viaja de Estocolmo para o extremo norte da Suécia, para a Lapónia, à procura do seu amigo de infância. Mas já não será possível reconstituir aquilo que o tempo dilacerou. Obra de estreia da realizadora britânica Sue Clayton, cuja filmografia viria a dedicar-se mais ao documentário (com especial atenção às questões da infância e juventude em condições de adversidade), é também a demonstração da versatilidade do trabalho de Eduardo Serra, capaz de se adaptar a um filme que começa em tons de realismo britânico e termina como comédia nórdica (com ares de Aki Kaurismäki). Primeira exibição na Cinemateca. *A primeira passagem do filme está programada numa sessão “Cinemateca Júnior – Sábados em Família»* (ver pag. 02).

- Sábado [12] 21h45 | Esplanada

SEM SOMBRA DE PECADO

de José Fonseca e Costa

com Mário Viegas, Victoria Abril, Lia Gama, Armando Cortês

Portugal, 1982 – 104 min | M/12

Na década de 40, durante a Segunda Guerra Mundial, na paz podre do salazarismo, SEM SOMBRA DE PECADO segue a relação de um militar com uma mulher misteriosa. Enquanto cumpre o serviço militar, Henrique, um jovem que pertence a uma família burguesa abastada, começa a receber misteriosos telefonemas de uma mulher. Segue-se uma série de encontros sem consequência, que desembocam numa revelação: o amor e a guerra têm muito em comum. Baseado no conto *E Aos Costumes Disse Nada*, de David Mourão-Ferreira, o filme de José Fonseca e Costa foi apresentado em Cannes, na Quinzena dos Realizadores, e garantiu o futuro de Eduardo Serra enquanto diretor de fotografia. Como recordou, em 2002, ao jornal *Público* “do ponto de vista cinematográfico, não devo nada a Portugal. [No entanto,] devo muito ao Fonseca e Costa. [SEM SOMBRA DE PECADO] era um filme a que, no estado em que estava a minha carreira, eu ainda não teria acesso. Ele apostou em mim e isso foi decisivo para a minha carreira, mesmo em França”.

- Quarta-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

FUNNY BONES

Comédia Louca

de Peter Chelsom

com Jerry Lewis, Oliver Platt, Lee Evans, Leslie Caron

Reino Unido, Estados Unidos, 1995 – 128 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Um filme de homenagem à genialidade cómica de Jerry Lewis. Vivendo à sombra do seu pai, um famoso comediante (interpretado pelo próprio Lewis), um jovem cómico (Oliver Platt) refugia-se na sua antiga cidade natal (Blackpool, em Inglaterra), após o desastre do seu último espetáculo em Las Vegas. Disposto a tudo

para se inspirar, o regresso a “casa” vem com uma série de revelações sombrias sobre o seu passado. Mas também lhe dá a ver que a sua excêntrica família é o melhor material para o seu próximo número de comédia física. A abordagem de Eduardo Serra foi uma de “reinterpretação”, isto é, “replicar em cinema o que faríamos se se tratasse de iluminar um espetáculo real (...) mesmo que isso signifique enganar a realidade.” Primeira exibição na Cinemateca.

- Quarta-feira [16] 21h45 | Esplanada
- Quinta-feira [31] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

A THERAPY

de Roman Polanski

com Helena Bonham Carter, Ben Kingsley

França, 2012 – 4 min
legendado eletronicamente em português

L'IVRESSE DU POUVOIR

A Comédia do Poder

de Claude Chabrol

com Isabelle Huppert, François Berléand, Patrick Bruel, Robin Renucci, Maryline Canto, Jean-François Balmer

França, 2005 – 110 min
legendado em português
duração total da projeção: 114 minutos | M/12

Jeanne Charmant-Killman é a juíza de instrução encarregada de um caso de corrupção que compromete o presidente de um importante grupo empresarial. As investigações conferem-lhe um crescente sentido de poder que acabam por fragilizar a sua vida pessoal. Inspirado no caso Elf Aquitaine, muito publicitado em França em 2003 como o mais notório escândalo político-industrial do pós-guerra, o filme abre maliciosamente com um aviso, “Qualquer semelhança com factos reais e personagens conhecidas será, como se diz, fortuito...” Estudo sobre a natureza do poder, L'IVRESSE DU POUVOIR é também um filme que trabalha a luz e as sombras. Corresponde à quinta colaboração entre Eduardo Serra e Chabrol (fizeram sete filmes juntos), sendo que sobre o seu trabalho conjunto, o diretor de fotografia explicou que “Chabrol privilegia outros aspetos e esquece a dimensão visual. (...) [No entanto,] ter liberdade torna-se um constrangimento. Podemos fazer o que quisermos, mas ao mesmo tempo podemos meter-nos por becos sem saída.” A abrir a sessão (apenas na segunda passagem do filme) exhibe-se um dos últimos trabalhos de Eduardo Serra, o filme publicitário que Roman Polanski fez para a Prada, com Ben Kingsley enquanto psicoterapeuta (obcecado por casacos de peles) e Helena Bonham Carter enquanto sua paciente (apropriadamente vestida).

- Quinta-feira [17] 21h45 | Esplanada
- Quinta-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

WHAT DREAMS MAY COME

Para Além do Horizonte

de Vincent Ward

com Robin Williams, Cuba Gooding Jr., Annabella Sciorra

Estados Unidos, 1998 – 113 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O médico Chris Nielson (Robin Williams) ama Annie (Annabella Sciorra), a mulher com quem tem dois filhos. São felizes, pelo menos até ao dia em que, após um acidente de aviação, o casal perde as crianças. A vida torna-se penosa e, pior que isso, quatro anos depois, Chris morre também. Só que, pouco depois, acorda no paraíso e reencontra os dois filhos. Sozinha e desesperada, Annie comete suicídio, o que a leva para o inferno. Inicia-se então uma aventura de “busca e salvamento” do espírito perdido da sua amada. Adaptação do romance fantástico de Richard Matheson, o filme reinterpreta de forma lúdica e inventiva o universo pitoresco do *Inferno* de Dante. Sobre esta parceria, Eduardo Serra afirmou que “o Vincent Ward só se interessa pelo que ainda não foi feito, como eu. Ele está sempre a convidar-me a inventar coisas e a utilizar um leque muito vasto de possibilidades técnicas, às quais está sempre aberto. A sua riqueza como artista é a sua forma de pensar, que não é de todo académica. O processo criativo de Vincent pode ser muito confuso para as pessoas que o rodeiam, mas essa é também a sua vantagem.” WHAT DREAMS MAY COME é o filme mais ousado e “experimental” da carreira de Eduardo Serra. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Sexta-feira [18] 21h45 | Esplanada
- ▶ Quarta-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

UNBREAKABLE

O Protegido

de M. Night Shyamalan
com Bruce Willis, Samuel L. Jackson, Robin Wright Penn, Spencer Treat Clark

Estados Unidos, 2000 – 106 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Bruce Willis (David) é o único sobrevivente de um desastre ferroviário, fenómeno considerado inexplicável. Samuel L. Jackson (Elijah) é o seu “oposto”, um homem frágil e doente com ossos quebradiços como vidro. O segundo desenvolveu uma singular teoria para explicar o caso, a partir da sua paixão pelos super-heróis da banda desenhada. Trata-se de uma “fábula contemporânea sobre a insegurança” (Manuel Cintra Ferreira) que antecipa a monumental transformação imposta pelo ataque do 11 de Setembro. M. Night Shyamalan regressou a este filme quando, em 2017 e 2019, completou a sua “trilogia dos Super-Heróis” com SPLIT e GLASS. Sobre o tratamento visual das personagens deste filme, Eduardo Serra defendeu que, ao longo de UNBREAKABLE, “David vai da luz fria para a quente e Elijah faz o percurso inverso. Eles refletem-se simetricamente e como tal os seus arcos de cor também.”

- ▶ Sábado [19] 21h45 | Esplanada
- ▶ Terça-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

GIRL WITH A PEARL EARRING

Rapariga com Brinco de Pérola

de Peter Webber
com Colin Firth, Scarlett Johansson, Tom Wilkinson, Judy Parfitt

Estados Unidos, 2003 – 100 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado no romance de Tracy Chevalier, GIRL WITH A PEARL EARRING recria os acontecimentos que envolveram a criação do famoso quadro de Vermeer (Colin Firth), avançando a hipótese, não comprovada historicamente, do modelo ter sido uma criada que vivia em casa da família do pintor (Scarlett Johansson). Uma das grandes apostas do filme é a luz e a fotografia de Eduardo Serra, que viu aqui o seu trabalho reconhecido com a sua segunda nomeação para o Oscar de Melhor Fotografia. O diretor de fotografia explicou que, neste filme, pôde levar ao limite as suas reflexões sobre a pintura e a fotogenia, defendendo que “é raro um diretor de fotografia ter a oportunidade de fazer um filme sobre um rosto. Se Scarlett não tivesse uma pele tão transparente, o filme podia não ter ficado tão bem. Uma pele translúcida é uma extraordinária matéria-prima. A relação luz-pele é fundamental para o meu trabalho”.



L'IVRESSE DU POUVOIR

- ▶ Segunda-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

JUDE

Jude

de Michael Winterbottom
com Kate Winslet, Christopher Eccleston, Rachel Griffiths, Liam Cunningham

Reino Unido, 1996 – 127 min / legendado eletronicamente em português | M/12

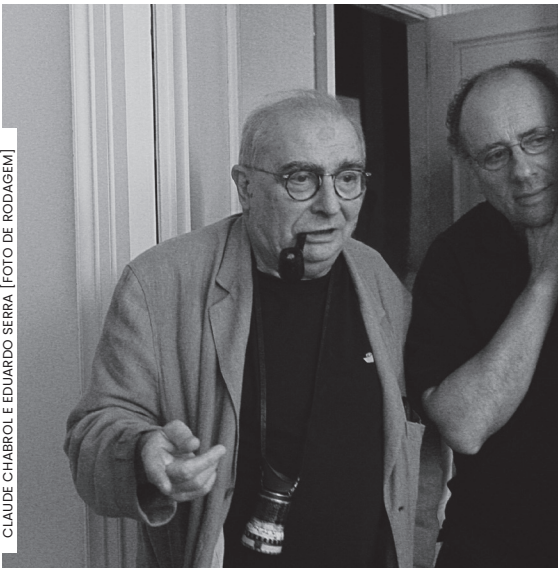
JUDE inspira-se na obra de Thomas Hardy, *Jude the Obscure* (1895), na qual se retrata o amor e a pobreza no século XIX. Jude (Christopher Eccleston) é um jovem rapaz inglês que encontra um mentor no seu professor Phillotson (Liam Cunningham). Os anos passam e, depois de ter sofrido o abandono da sua mulher, Jude conhece Sue (Kate Winslet), uma jovem de carácter independente, e apaixona-se. No entanto, o seu professor apaixona-se igualmente pela jovem, construindo um triângulo amoroso que altera as suas vidas para sempre. Eduardo Serra explicou que “em JUDE as mudanças visuais são visíveis, e os capítulos que estruturam o filme são fortemente marcados. O argumento era muito preciso em relação à estrutura narrativa e jogámos com as cores dominantes, a filtragem, as técnicas de laboratório e também a iluminação, os contrastes e a imposição da luz principal.” No jornal *A Capital* afirmou mesmo que, com *LE MARI DE LA COIFFEUSE*, “faz parte dos meus trabalhos preferidos”. Primeira exibição na Cinemateca, a exibir em cópia digital.



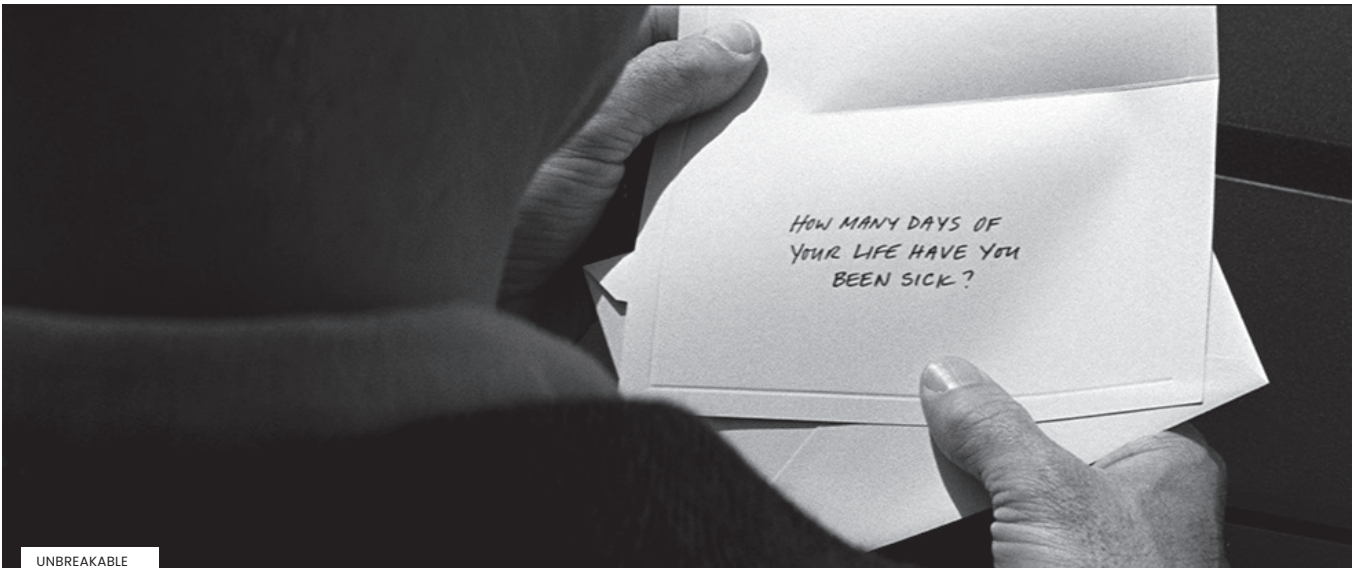
AMOR E DEDINHOS DE PÉ.



SEM SOMBRA DE PECADO



CLAUDE CHABROL E EDUARDO SERRA [FOTO DE RODAGEM]



UNBREAKABLE

BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA



L'AMOUR FOU

“Bulle é oceânica”, observou Marguerite Duras, referindo-se ao desempenho da atriz em *LE PONT DU NORD*, numa conversa com Jacques Rivette publicada no *Le Monde* por ocasião do lançamento do filme. O adjetivo escolhido por Duras, que trabalhou com Bulle Ogier em diversos filmes e peças, define perfeitamente bem o que é a presença desta extraordinária atriz, que teve uma presença única no teatro e no cinema franceses a partir dos anos 60. Bulle Ogier não é uma “não atriz”, como certos nomes da Nouvelle Vague a quem se pedia uma presença e um comportamento mas não a capacidade de “compor” personagens, mas tão pouco teve uma formação convencional no Conservatório. Em início dos anos 60 conhece Marc’O, um dos grandes nomes da vida intelectual e artística francesas da sua geração, escritor ligado ao *lettrisme*, encenador de teatro e cineasta. É com ele que Bulle Ogier tem a sua formação teatral, nos moldes menos convencionais e é sob a sua direção que se estreia nos palcos em 1963. Até 1966 participaria em mais três espetáculos do grupo, dois dos quais foram filmados, antes de se afastar da *troupe* em 1968. É com *L’AMOUR FOU*, de Jacques Rivette (que descobrira a atriz nos espetáculos de Marc’O), filmado em 1967, mas distribuído em janeiro de 1969, que ela atinge o reconhecimento do público “de ponta”, que se amplia dois anos depois com o triunfo nos circuitos de *art-et-essai* de *LA SALAMANDRE*, de Alain Tanner. As peças de Marc’O e o filme de Rivette são a matriz de todo o futuro trabalho de Bulle Ogier, que observa numa entrevista de 1985 a Jean-Claude Biette que a sua carreira foi “um trajeto. No período pós-68 havia o ideal de fazer arte pela arte, arte para si mesmo, não para ser uma vedeta, não para criar uma imagem. O meu agente dizia-me para não fazer tudo e mais alguma coisa depois de ter trabalhado com Marc’O e Rivette. Toda a gente tinha um grande rigor neste período em que nasci realmente como atriz. O meu caminho foi muito coerente. Quando se adota uma linha de conduta, não se muda a toda a hora de direção. Alguns atores, depois de ganharem muito dinheiro, fartam-se e buscam um certo rigor. Eu tive-o desde o começo e tive sorte. Quando por volta de 1977-78 houve uma mudança em relação ao cinema, em relação ao ator e ao *business*, não pude acompanhar, porque isto não correspondia em absoluto ao que eu tinha feito. Uma pessoa não pode renegar-se, querer mudar aquilo que fez. É desonesto”. Em palco Bulle Ogier interpretou sobretudo um exigente repertório do século XX (Marc’O, Duras, Botho Strauss, Schnitzler, Ibsen, Grombrowicz), sob a direção de alguns dos encenadores mais reputados de França, como Claude Régy, Patrice Chéreau e Roger Planchon. No cinema, o seu nome é indissoluvelmente ligado ao de Jacques Rivette, com quem colaborou em alguns dos seus filmes mais radicais (*OUT ONE*, *CÉLINE ET JULIE VONT EN BATEAU*, *LE PONT DU NORD*), mas também aos de René Allio, André Téchiné, André Delvaux, Daniel Schmid, Barbet Schroeder, Philippe Garrel, Werner Schroeter, Luis Buñuel e, a partir dos anos 80, Manoel de Oliveira. Também colaborou com cineastas de gerações mais jovens, como Olivier Assayas, Xavier Beauvois, Caroline Champetier e Jeanne Balibar. Também teve presença em filmes mais convencionais, mas, como bem resumiu Alain Philippon, Bulle Ogier “é uma atriz tentada pela aventura, mas não pelo caos, uma atriz franca, mas que conservou no olhar e na silhueta um resto de infância, uma profissional que recusa a identificação à personagem e prefere aquilo a que chama a «sobreposição»: uma atriz inseparável do cinema moderno”.

► Terça-feira [01] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

AUSSI LOIN QUE MON ENFANCE

de Marilù Parolini
com Bulle Ogier

França, 1976 – 25 min / legendado eletronicamente em português

LA SALAMANDRE

A Salamandra

de Alain Tanner

com Bulle Ogier, Jean-Luc Bideau, Jacques Denis

Suíça, 1971 – 124 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 149 min | M/12

LA SALAMANDRE é um dos filmes mais conhecidos do então “novo cinema suíço” e consagrou definitivamente o nome de Alain Tanner. A narração toma a forma de um inquérito, feito por dois amigos, um jornalista e um escritor sobre um homicídio ocorrido há vários anos, em que uma jovem foi acusada de ter morto o seu tio, mas acabou absolvida. Tanner observou que “o filme também aborda as relações entre a realidade e o imaginário,

já que um deles é um jornalista que faz um inquérito sobre a mulher, ao passo que o outro é um escritor, que reinventa a história dela”. Rodado a preto e branco, o filme ilustra algumas das principais tendências dos novos cinemas dos anos 60, tais como a mistura de elementos de ficção e documentário, o uso exclusivo de cenários naturais. Bulle Ogier tem uma presença extraordinária, com a mistura de força e fragilidade que caracteriza a sua presença no ecrã. A abrir a sessão, um documentário de Marilù Parolini, que é uma das presenças marcantes em *CHRONIQUE D’UN ÉTÉ*, de Jean Rouch e Edgar Morin, e foi próxima colaboradora de Jacques Rivette, com quem foi casada. *AUSSI LOIN QUE MON ENFANCE* é apresentado pela primeira vez na Cinemateca.

► Quarta-feira [02] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LE PONT DU NORD

de Jacques Rivette

com Bulle Ogier, Pascale Ogier, Pierre Clémenti

França, 1981 – 129 min / legendado eletronicamente em português | M/12

LE PONT DU NORD marcou o regresso de Jacques Rivette aos circuitos de distribuição depois de um difícil período, em que abandonou a meio o ambicioso projeto de uma tetralogia de filmes, devido a um esgotamento nervoso. Neste filme Rivette reata com os princípios de alguns dos seus filmes anteriores: uma ténue trama narrativa, que pode prolongar-se indefinidamente e nos quais a presença dos atores desencadeia “algo” que é captado pela câmara. Como o orçamento era modesto, optou por filmar exclusivamente em exteriores nas ruas de Paris, que, como em *OUT ONE/SPECTRE*, ecoam longinquamente a Paris dos folhetins de Louis Feuillade. O elenco reúne, num duo inseparável e extraordinário, Bulle Ogier e a sua filha Pascale, que morreria precocemente três anos depois.

- Quinta-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina
► Quinta-feira [10] 21h45 | Esplanada

TRICHEURS

Batoteiros

de Barbet Schroeder

com Bulle Ogier, Jacques Dutronc, Virgílio Teixeira

França, Portugal, Alemanha, 1984 – 92 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Filmado no Funchal, com destaque para o casino projetado por Oscar Niemeyer, TRICHEURS é um magnífico filme sobre o jogo, o seu poder e a batota. Baseia-se num facto real, em que um batoteiro profissional aliava-se aos *croupiers* para ganhar à roleta, com uma técnica extremamente elaborada. Longe das mitologias do luxo e da elegância em que o cinema costuma envolver o mundo dos casinos, Barbet Schroeder sublinha o que Jacques Fieschi definiu à época num artigo sobre o filme como “a fúnebre banalidade da compulsão dos jogadores, com alguns loucos momentos de risco, de disfarce”. Barbet Schroeder jamais se afasta da matéria narrativa, aparentemente magra, a rotina de um par de amantes obcecados, que fazem eco aos de LA BAIE DES ANGES, de Jacques Demy e encontra o ritmo narrativo ideal, atingindo um alto grau de *suspense* em diversas passagens.

- Sexta-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LE NAVIRE NIGHT

de Marguerite Duras

com Bulle Ogier, Dominique Sanda, Mathieu Carrière

França, 1979 – 90 min
legendado eletronicamente em português | M/12

A partir de meados dos anos 70, Bulle Ogier tornou-se colaboradora próxima de Marguerite Duras, tendo participado nas montagens de quatro das suas peças: *Des Journées Entières dans les Arbres*; *L'Éden Cinéma*; *Le Navire Night*; *Savannah Bay* e em dois dos seus filmes: LE NAVIRE NIGHT e AGATHA OU LES LECTURES ILLIMITÉES. Em LE NAVIRE NIGHT, um dos filmes mais hipnóticos de Duras, sobre imagens de Paris ao crepúsculo uma voz conta-nos a história de um amor impossível nascido no anonimato das linhas telefónicas. Uma segunda narrativa relata a desapareição de uma escultura de um museu de Atenas. “O fascínio exercido por LE NAVIRE NIGHT tem menos a ver com o *puzzle* formal da sua construção, do que com alguns aspectos muito mais imediatamente dirigidos aos sentidos. Por exemplo, o trabalho sobre a voz humana, mas também aquela estranha mescla de evanescência e solidez «física» que se desprende dos rostos «brancos» de Bulle Ogier, Dominique Sanda e Mathieu Carrière”, escreveu Luís Miguel Oliveira quando o filme foi apresentado pela primeira vez na Cinemateca

- Sábado [05] 16h00 | Sala Luís de Pina

L'AMOUR FOU

O Amor Louco

de Jacques Rivette

com Bulle Ogier, Jean-Pierre Kalfon

França, 1967 – 252 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Filmado em meados de 1967 e lançado comercialmente em janeiro de 1969, este foi o primeiro filme em que Rivette “transbordou o tempo”, para citarmos a fórmula utilizada à época pelos *Cahiers du Cinéma*. L'AMOUR FOU tem uma complexa estrutura: a relação amorosa de um casal composto por um encenador e uma atriz, filmada em 35 mm, alterna com ensaios da *Andrômaca* de Racine, filmados em 16 mm. Vemos os ensaios da peça, filmados em 35 mm em presença de uma equipa que os filma em 16 mm e vemos imagens em 16 mm injetadas no filme em 35 mm, num jogo formal magistralmente conseguido, típico de certas correntes artísticas dos anos 60, para as quais uma obra de arte também devia conter alguma forma de reflexão sobre si mesma. Este filme marca o primeiro encontro entre Jacques Rivette e Bulle Ogier, que tem aqui sem dúvida o desempenho mais “oceânico” de toda a sua carreira no cinema.



TRICHEURS

- Segunda-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LES IDOLES

de Marc'O

com Bulle Ogier, Pierre Clémenti,

Jean-Pierre Kalfon, Michèle Moretti

França, 1968 – 105 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Marc'O é uma importante figura das vanguardas francesas, a partir dos anos 50, nos domínios da literatura, do teatro e do cinema. Teve grande influência sobre Bulle Ogier nos começos da carreira dela, que participou de quatro dos seus espetáculos de palco entre 1963 e 1966, entre os quais LES IDOLES, sátira aos “ídolos” do *show-business* que tem lugar durante uma conferência de imprensa de quatro vedetas, que denunciam o “sistema”. Dois anos depois, Marc'O adaptava o espetáculo para o cinema. Lançado em maio de 1968, o filme só ficou em cartaz por alguns dias, mas permaneceu como um dos emblemas do espírito daquela época. Numa entrevista de 2004, em que nota que tem muita dificuldade em falar dos anos 60, “porque o vocabulário não é o mesmo”, Marc'O acrescenta que “em LES IDOLES, era a representação que me interessava. Escolhíamos os planos em relação com os gestos, as atitudes. A cada vez era preciso encontrar o destinatário e o destinatário podia ser um espaço.”. Primeira apresentação na Cinemateca.

- Terça-feira [08] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- Sexta-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

LA PALOMA

de Daniel Schmid

com Bulle Ogier, Ingrid Caven, Peter Kern, Peter Chatel

Suíça, França, 1974 – 110 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Daniel Schmid tem muitas afinidades com o cinema de Werner Schroeter, o que se reflete nitidamente nos seus dois primeiros filmes, ESTA NOITE OU NUNCA e sobretudo LA PALOMA, cuja trama narrativa transpõe a de *A Dama das Camélias* e congrega elementos diversos: o melodrama, o cabaret, o musical. O resultado é de uma extravagância formal que o realizador nunca mais atingiria. O filme reúne diversos temas romanescos e melodramáticos (o jogo, o *cabaré*, a doença mortal, a *prima donna*, o amor louco e sem reciprocidade), com uma colagem de elementos musicais que vai de Korngold a Oum Kalsoum, passando por Offenbach e por diversas canções dos anos 30. Bulle Ogier tem a presença de uma *guest star*, no papel de uma condessa.

- Quarta-feira [09] 21h45 | Esplanada

TERRE ÉTRANGÈRE/DAS WEITE LAND

de Luc Bondy

com Bulle Ogier, Michel Piccoli, Wolfgang Hübsch

França, Áustria, Alemanha, 1987 – 105 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Luc Bondy fez-se conhecer sobretudo como encenador de teatro, realizando uma carreira de prestígio na Alemanha

a partir dos anos 70, que se prolongou em França cerca de trinta anos mais tarde. Também compartilhou durante algum tempo a vida de Bulle Ogier. Dos quatro filmes que realizou, TERRE ÉTRANGÈRE é o mais conhecido. Trata-se da transcrição para o cinema da montagem de *Das weite Land* (literalmente *o vasto país*) de Arthur Schnitzler por Bondy, com os mesmos atores, franceses e austríacos. A ação tem lugar numa mansão dos arredores de Viena, depois do suicídio de um pianista jovem e promissor. “Animado com flexibilidade e sobriedade, com intérpretes cintilantes e sublimes, especialmente Bulle Ogier, que arde e irradia, TERRE ÉTRANGÈRE é um objeto admiravelmente «apátrido»: não é realmente um filme, nem uma peça, nem realmente francês, nem verdadeiramente vienense e atinge, pela margem, os sentimentos vagos, as incertezas emocionais, que Schnitzler descreve”, observou à época o crítico da *Positif*. Primeira apresentação na Cinemateca.

- Sexta-feira [11] 21h45 | Esplanada

BELLE TOUJOURS

Belle Toujours

de Manoel de Oliveira

com Bulle Ogier, Michel Piccoli

França, Portugal, 2006 – 60 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Manoel de Oliveira presta tributo a Luís Buñuel, propondo em BELLE TOUJOURS uma continuação de BELLE DE JOUR, juntando os dois protagonistas de Buñuel, em Paris, 39 anos depois do seu encontro. Michel Piccoli volta a interpretar o papel de Henri, guardador do segredo que Séverine (Bulle Ogier no papel interpretado por Catherine Deneuve no primeiro filme) quer descobrir. Extremamente bem recebido à época, BELLE TOUJOURS não é apresentado na Cinemateca desde 2015.

- Terça-feira [15] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

WEISSE REISE

“A Viagem Branca”

de Werner Schroeter

com Bulle Ogier (narração off), Jim Auwae, Tilly Soffing

Alemanha, 1980 – 60 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Schroeter realizou este filme entre O REINO DE NÁPOLES e PALERMO ODER WOLFSBURG, com um pequeno orçamento e um grupo de amigos. Filmado diante de telas pintadas, sem diálogos, com narração em *off* por Bulle Ogier e uma belíssima e eclética seleção musical (música árabe, havaiana, Schubert, canções francesas dos anos 30 por Fréhel e Tino Rossi), esta “viagem branca” é a de dois marinheiros embarcados num barco americano. As telas pintadas por Harald Vogel evocam portos, ruas, barcos e a voz da narradora conta-nos a história e leva-nos através dos mares. O filme narra uma viagem através do desejo e da paixão entre dois homens, que o texto narrativo em *off* descreve como *pura* e *inocente*. Um dos filmes mais belos e estilizados de Werner Schroeter. Esta foi a segunda das quatro colaborações entre Bulle Ogier e o realizador alemão (as demais são GOLDFLOCKEN, DEUX e NUIT DE CHIEN).

► Quarta-feira [16] 19h30 | Sala Luís de Pina

LA RUPTURE

de Raymonde Carrasco
com Bulle Ogier, Pascal Gréggory, Hammou Gaïa
França, 1989 – 85 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Raymonde Carrasco (1939–2009) é a autora de uma obra breve, que permanece relativamente confidencial e ilustra sobretudo o documentário etnográfico, com um ciclo de filmes dedicado aos índios Tarahumaras, no México. Realizou quatro ficções, das quais LA RUPTURE é a mais conhecida. A ação situa-se em Paris, onde uma antropóloga sai à procura da sua irmã mais nova, uma atriz de teatro que teve um *breakdown* durante um ensaio e desapareceu. O filme tem analogias com o cinema de Jacques Rivette, com um inquérito quase policial, que se desdobra na busca de uma identidade pessoal. O crítico Pierre Rodrigo viu em LA RUPTURE uma “surpreendente alquimia, com a passagem do corpo ao escrito, da carne ao signo”, destacando ainda “a sutileza da interpretação de Bulle Ogier, que encarna a sua personagem com a suave inflexibilidade que a caracteriza. Raymonde Carrasco filmou-a magnificamente, entre passado e presente, fantasias e realidade”. Uma obra rara a descobrir, em primeira apresentação na Cinemateca.

► Quinta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PAULINA S'EN VA

de André Téchiné
com Bulle Ogier, Michèle Moretti, Yves Beneyton
França, 1968 – 90 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O filme de estreia de Téchiné, originalmente concebido como uma curta-metragem, que depois foi transformado numa longa, é o seu filme menos visto e – assim como o seu filme seguinte, SOUVENIRS D'EN FRANCE – totalmente diferente daqueles que o consagrariam a partir de fins dos anos 70. Foi apresentado no Festival de Veneza em 1969, mas só teve distribuição comercial em 1975, num cinema de arte em Paris. PAULINA S'EN VA não tem trama narrativa tradicional, articula-se à volta de pressupostos literários e psicanalíticos (a protagonista tem algo de esquizofrénica). “Levado pelas correntes incertas do pós-68, a inspiração do filme é lírica e livre, de um lirismo essencialmente formal” (Nicolas Brehal). Este filme, bastante raro, foi apresentado uma única vez na Cinemateca, em 2010, por ocasião de uma retrospectiva da obra de André Téchiné.

► Sábado [26] 16h00 | Sala Luís de Pina

OUT ONE/SPECTRE

de Jacques Rivette
com Bulle Ogier, Jean-Pierre Léaud,
Juliet Berto, Bernadette Laffont
França, 1970 – 262 min
legendado eletronicamente em português | M/12

OUT ONE foi a aventura mais radical de todo o percurso de Jacques Rivette. Foi feito em duas versões, uma, dividida em episódios, num total de cerca de doze horas, intitulada OUT ONE/NOLI ME TANGERE, que depois de uma única projeção pública, só foi apresentada mais de quinze anos depois; e esta versão “curta”, que é o *spectro* da versão longa. Jamais Rivette levou tão longe o seu princípio de desenrolar uma narrativa a partir de nada: os complicados meandros percorridos pelos personagens são um pretexto para a existência do objeto cinematográfico, não há elos de causalidade. Por outro lado, nunca os dois temas centrais do seu cinema, o teatro e o *complot*, estiveram tão intimamente ligados. Há, por um lado, uma companhia de teatro experimental e a dona de uma loja chamada A Esquina do Acaso (Bulle Ogier), por outro lado dois indivíduos exteriores a este grupo que lançam efabulações, que os outros perseguem como se fossem elementos reais. Rivette revelou numa entrevista que “gostaria que o filme funcionasse como um sonho mau, sobrecarregado de incidências e lapsos, um daqueles sonhos que parecem tanto mais «intermináveis» que temos noção durante o seu desenrolar que se trata de um sonho e do qual pensamos sair para nele voltar a cair”.

TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (PARTE VI - CONCLUSÃO)

Chegamos à sexta e última etapa do nosso percurso pela obra de Michael Curtiz, que resultou numa retrospectiva tão completa quanto possível da sua gigantesca obra, que compreende 172 filmes, realizados ao longo de cinquenta anos em três países, dos quais mais de metade foram programados. Acompanhar uma retrospectiva do cinema de Michael Curtiz, como a de outros prolíferos *makers*, é percorrer menos a obra de um “autor” do que visitar diversos géneros, em filmes produzidos em condições variadas por um profissional extremamente pragmático. Por isso, o princípio de programação do ciclo foi misturar, em cada etapa, obras de diversos períodos, sem seguir uma ordem cronológica. Neste percurso final, poderemos ver e rever filmes realizados nos anos 30, 40 e 50, ou seja, da idade clássica do cinema: *westerns*, comédias, aventuras juvenis, filmes de espionagem, de *gangsters*, dramas, biografias, filmes de aviação e de terror. Todos são altamente representativos do período em que foram feitos e dos diversos géneros que ilustram, com destaque para algumas raridades realizadas nos anos 30.



JIMMY THE GENT

► Terça-feira [01] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Sábado [05] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE ADVENTURES OF HUCKLEBERRY FINN

As Aventuras de Huckleberry Finn
de Michael Curtiz
com Eddie Hodges, Tony Randall,
Mickey Shagnessy, Buster Keaton

Estados Unidos, 1960 – 105 min
legendado eletronicamente em português | M/6

Esta é a sexta adaptação cinematográfica de um dos mais célebres romances de língua inglesa (a primeira foi feita em 1918). O livro de Mark Twain, situado no Vale do Mississípi no período anterior à Guerra de Secessão é a “sequela” de *The Adventures of Tom Sawyer*, também adaptado várias vezes ao cinema. A trama do romance é uma evidente crítica ao racismo. O protagonista, um rapaz de cerca de treze anos, que não suporta ir à escola e cujo pai é o bêbedo da aldeia, foge de casa com um escravo negro, que quer comprar a sua liberdade. Mas os habitantes da aldeia pensam que Huck foi assassinado pelo negro e lançam-se na sua busca, o que resultará numa série de aventuras picarescas. Buster Keaton faz uma breve aparição. *A segunda passagem do filme está programada numa sessão “Cinemateca Júnior – Sábados em Família»* (ver pág. 02).

► Terça-feira [01] 21h45 | Esplanada

► Segunda-feira [21] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

JIMMY THE GENT

de Michael Curtiz
com James Cagney, Bette Davis,
Alice White, Alan Dinehart

Estados Unidos, 1934 – 67 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Uma comédia situada no meio de *gangsters*. O protagonista é um burlão profissional, especialista em defraudar herdeiros de pessoas que morreram sem deixar testamento. Tem um rival, ainda mais inescrupuloso do que ele, mas cujas boas maneiras fazem-no passar por um homem honesto. O burlão e a secretária do seu rival apaixonam-se, mas ela recusa-se a casar enquanto ele não se emendar. No papel principal, James Cagney, especialista em papéis de *gangsters* muito duros, mas ator com recursos variados,

contracena com Bette Davis, em período de ascensão profissional. Uma das muitas pérolas pouco conhecidas da produção cinematográfica dos anos 30. Primeira exibição na Cinemateca.

► Quarta-feira [02] 21h45 | Esplanada

► Quinta-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

BRITISH AGENT

de Michael Curtiz
com Leslie Howard, Kay Francis, William Gargan
Estados Unidos, 1934 – 81 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Estamos em 1917, na Rússia, durante a revolução bolchevique. Um agente secreto britânico tem a missão de convencer os soviéticos a não assinarem uma paz separada com os alemães. Entra em contacto com uma aristocrata que se faz passar pela secretária de Lenine e se opõe à entrega de armas britânicas aos anticomunistas do Exército Branco. O filme é baseado num livro escrito por um agente britânico que esteve na Rússia neste momento, mas Curtiz tomou muitas liberdades com a narrativa, de modo a fazer um filme de aventuras misturado com uma história romântica. Trata-se de uma superprodução, com mais de quarenta cenários diferentes e cerca de mil e quinhentos figurantes.

► Quinta-feira [03] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [12] 19h30 | Sala Luís de Pina

FORCE OF ARMS

Quando Passar a Tormenta
de Michael Curtiz
com William Holden, Nancy Olsen, Frank Lovejoy
Estados Unidos, 1951 – 109 min
legendado eletronicamente em português | M/12

No seu livro sobre Michael Curtiz, Pablo Mérida define esta filme como do género “romântico-bélico”. Realizado seis anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, o filme fixa-se menos nas ações bélicas do que no romance entre dois tenentes americanos (ela pertencente ao Women’s Army Corps), em Itália, durante o conflito. Curtiz pôde utilizar material rodado pelo exército americano em Itália

e muitas sequências foram concebidas de maneira a condizerem com o material militar de arquivo posto à sua disposição. Primeira exibição na Cinemateca.

- Sexta-feira [04] 19h30 | Sala Luís de Pina
- Quinta-feira [31] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE CABIN IN THE COTTON

de Michael Curtiz
com Bette Davis, Richard Barthelmess, Dorothy Jordan
Estados Unidos, 1932 – 78 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Um drama social, anterior ao *New Deal*, como muitos outros produzidos à época pela Warner. A ação tem lugar nas plantações de algodão do Sul dos Estados Unidos e foca a exploração dos meeiros brancos que nelas trabalham, a corrupção e a violência (há uma sequência de linchamento). Um deles, que foi acolhido pelo proprietário de uma plantação depois da morte do seu pai, apaixona-se pela filha daquele, o que o torna mal visto pelos demais. Os trabalhadores acabam por se revoltar. Primeira exibição na Cinemateca.

- Segunda-feira [07] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sexta-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina

CAPTAINS OF THE CLOUDS

Corsários das Nuvens
de Michael Curtiz
com James Cagney, Brand Marshall, Dennis Morgan
Estados Unidos, 1941 – 114 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Filme de aviação. Durante a Segunda Guerra Mundial, um piloto civil alista-se nas forças aéreas canadianas para apoiar a luta da Grã-Bretanha. Mas o homem é indisciplinado e fanfarrão e acaba sendo expulso do grupo, antes de voltar sob a falsa identidade de um piloto morto. CAPTAINS OF THE CLOUDS, que ilustra o clássico tema do homem incapaz de se submeter à disciplina de grupo, mas que acaba por se revelar muito útil, foi rodado em Technicolor e tem algumas fabulosas sequências aéreas, feitas em estilo semi-documental. A exhibir em cópia digital. Primeira exibição na Cinemateca.

- Terça-feira [08] 21h45 | Esplanada
- Sábado [19] 19h30 | Sala Luís de Pina

VIRGINIA CITY

Duas Causas
de Michael Curtiz
com Erroll Flynn, Miriam Hopkins, Randolph Scott, Humphrey Bogart
Estados Unidos, 1940 – 120 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O triunfo comercial de DODGE CITY (que a Cinemateca programou no mês passado), em que Errol Flynn encarna um xerife que domestica uma cidade sem lei, fez com que a Warner Bros. repetisse a fórmula neste filme, realizado um ano depois. O filme anterior tem lugar logo a seguir à Guerra de Secessão e foi feito num deslumbrante Technicolor, VIRGINIA CITY é a preto e branco e tem esta guerra como pano de fundo. Como surpresa, Humphrey Bogart no inesperado papel de um fora-da-lei do Oeste, todo de negro vestido.

- Quarta-feira [09] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE WALKING DEAD

O Morto que Voltou à Vida
com Boris Karloff, Edmund Gwen, Margerite Churchill
Estados Unidos, 1936 – 66 min
legendado eletronicamente em português

SONS OF LIBERTY

com Claude Rains, Gale Sondergaard, Donald Crisp
filmes de Michael Curtiz
Estados Unidos, 1939 – 20 min
legendado eletronicamente em português
Duração total da sessão: 86 min | M/12

Um duplo programa, que reúne um filme de terror e um breve filme “histórico”, a única curta-metragem que Curtiz realizou em Hollywood e que lhe valeu o seu primeiro Oscar. Situado durante a guerra de independência americana SONS OF LIBERTY evoca a figura de um comerciante

recentemente imigrado, que apoiou os colonos na luta pela independência (primeira exibição na Cinemateca). Os anos 30 assinalam o primeiro grande momento do cinema fantástico e de terror e THE WALKING DEAD ilustra magnificamente este género, tendo no papel principal Boris Karloff. O argumento teve como ponto de partida a notícia de que dois médicos faziam experiências em que eletrocutavam cadáveres para ressuscitá-los. É exatamente o que faz um médico em THE WALKING DEAD, com êxito. O ressuscitado decide vingar-se dos responsáveis pela sua morte. Primeira exibição na Cinemateca, em cópia digital.

- Quarta-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina
- Segunda-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE MAD GENIUS

de Michael Curtiz
com John Barrymore, Marian Marsh, Donald Cook
Estados Unidos, 1931 – 78 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Um drama cujo argumento parece feito à medida de John Barrymore, especialista em personagens algo perturbadas. Aqui ele é um professor de dança russo, que nunca pôde dançar devido a uma malformação e faz triunfar o seu filho adotivo nos palcos. Quando este se apaixona por uma bailarina, ela é despedida da companhia, o que leva o rapaz a seguir com ela para Paris, onde conhecem grandes dificuldades. James Robertson observou que THE MAD GENIUS “tem uma atmosfera melodramática, mas nas mãos de Curtiz a história transformou-se em outra coisa e o filme não pertence a nenhum género”. A *mise en scène* é esmerada, com elaborados ângulos de câmara e cenários quase expressionistas. Primeira exibição na Cinemateca.

- Terça-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [24] 19h30 | Sala Luís de Pina

THE STORY OF WILL ROGERS

de Michael Curtiz
com Will Rogers Jr., Jane Wyman, James Gleason
Estados Unidos, 1952 – 109 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Hoje quase esquecido, exceto talvez no seu país natal, Will Rogers (1879-1935), foi um célebre ator e comentador social, conhecido por manifestar as opiniões e apreensões do “homem comum”. Tem uma vasta filmografia, que inclui colaborações com John Ford. Como o seu título indica, THE STORY OF WILL ROGERS é um *biopic*, no qual o papel-titular é encarnado pelo próprio filho do ator, com quem tinha enorme semelhança física. Curtiz, que fora amigo de Will Rogers, sempre foi de opinião que a sua vida daria excelente material cinematográfico e “concentrou-se em fixar a lenda de Rogers para a posteridade”, nas palavras de James C. Robertson. Primeira exibição na Cinemateca.

- Segunda-feira [28] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

WE'RE NO ANGELS

Veneno de Cobra
de Michael Curtiz
com Humphrey Bogart, Peter Ustinov, Joan Bennet, Aldo Ray
Estados Unidos, 1955 – 105 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Adaptação de uma peça de André Husson, *La Cuisine des Anges*, WE'RE NO ANGELS é uma divertida comédia com toques de “negro” e um fabuloso trio de intérpretes, Bogart, Ustinov e Ray nos papéis de três condenados ao degredo na Ilha do Diabo, na Guiana Francesa, que se evadem na noite de Natal e encontram uma simpática família que irão salvar das mãos de um vilão. Esta foi a última colaboração entre Curtiz e Humphrey Bogart, treze anos depois de CASABLANCA. A exhibir em cópia digital.



SONS OF LIBERTY



CAPTAINS OF THE CLOUDS



BRITISH AGENT



THE CABIN IN THE COTTON



THE MAD GENIUS



VIRGINIA CITY

REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (PARTE II – CONCLUSÃO)



C'ERA UNA VOLTA IL WEST

O gênero explode, que nem dinamite, desde *A FISTFUL OF DOLLARS/PER UN PUGNO DI DOLLARI* (1964), primeiro tomo da popularíssima “Trilogia dos Dólares” da autoria do realizador mais amado do subgênero em questão, Sergio Leone. O *western spaghetti* começa quando o velho gênero entrava num período de hibernação na América, com fogachos importantes entretanto, é certo, mas era inquestionável que já ia longe o período áureo em que algum do melhor cinema clássico era sinónimo de faroeste, índios e cowboys, duelos ao pôr do sol e lutas de homens sós. O herói do *spaghetti* teve vários nomes, mas não foi Ringo (Giuliano Gemma), “The Stranger” (Tony Anthony), Sartana (Gianni Garko), Sabata (Lee Van Cleef) ou mesmo Django (Franco Nero, entre outros) e Trinità (Terence Hill) a produzirem o impacto mais estrondoso e duradouro na tradição do gênero. O “Homem Sem Nome”, encarnado por Clint Eastwood, parco em palavras e firme na ação de disparar primeiro e... *nem* fazer perguntas depois, serviu de molde ao novo herói e representa o segundo rosto nesta História do *western* depois de John Wayne ter dado corpo ao gênero durante a primeira metade do século XX.

Se Leone desempenhou um papel preponderante na definição das várias marcas do *spaghetti*, nomeadamente o seu tom operático (para o qual também contribuiu a música de Ennio Morricone) e as suas várias máscaras irónicas (a primeira das quais advém do “saque” produzido sobre um gênero tido como “o mais americano de todos”), importa destacar outros dois Sergios que muito contribuíram não só para a popularização como para a credibilização, quer dizer, para uma efetiva *recredibilização* do gênero: Sergio Corbucci e Sergio Sollima. Cineastas que se revelaram mestres do cinema de ação e de violência hiperestilizada (“No story, no scenes. Just killing.”,

descreveu assim Bert Kennedy os “Spanish or Italian Westerns” a um cético e desinformado John Ford, numa conversa publicada na *Films in Review* em janeiro de 1969), e portadores de um discurso crescentemente amargo sobre a natureza humana ou a política dos homens (o *western* político, também conhecido como *Zapata Western*, reflete alguns problemas candentes na sociedade italiana no pico dos politicamente turbulentos “Anni di piombo”).

Alguns dos filmes mais densos, produzidos neste período em que dezenas de *spaghetis* eram distribuídos por ano, tiveram a assinatura de Corbucci ou de Sollima. A conclusão da segunda parte deste Ciclo é dedicada aos três Sergios, mas vai muito além deles (com obras de Giulio Petroni, Damiano Damiani, Robert Hossein, Tonino Valerii e Enzo G. Castellari), com o intuito de celebrar o *spaghetti* como subgênero de excelência ainda por redescobrir em pleno, mas também se afirma para lá dos estúdios da Cinecittà, mais concretamente, no campo do *eurowestern* e seus derivados, e significativamente no âmbito do cinema de autor internacional: face ao ressurgimento *all’italiana*, “contra-atacam” alguns dos autores cinematográficos mais promissores vindos dos quatro cantos do globo, nomeadamente do Chile, do Brasil, do México, de França ou da República Federal Alemã. Na conclusão desta segunda parte do presente Ciclo, ficaremos a perceber como é que realizadores tão díspares e “glocais” como Alejandro Jodorowsky, Glauber Rocha, Arturo Ripstein, Luc Moullet e Rainer W. Fassbinder continuaram a contar esta grandiosa História já perfeitamente desterritorializada e liberta da tutela e convocatórias do Tio Sam. E se foi fora da América que o sonho-pesadelo do *western* ganhou asas e verdadeiramente atingiu o topo?

► Terça-feira [01] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DJANGO

de Sergio Corbucci
com Franco Nero, José Bódalo, Loredana Nusciak

Itália, Espanha, 1966 – 90 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Depois de Clint Eastwood como “O Homem Sem Nome” e de Giuliano Gemma como Ringo, eis a terceira personagem mítica do *western spaghetti*: Django, personificado por Franco Nero, que se tornou uma vedeta popular nos anos 60 com este filme. Sergio Corbucci, um veterano que já realizara filmes em diversos gêneros (*peplums*, comédias com Totò), segue astutamente as pegadas de Leone nestas aventuras de um homem solitário, que percorre o Oeste levando nas bagagens o seu caixão. E no final deixará atrás de si um rasto de morte e destruição: diz-se que, ao todo,

terão sido 138 as mortes no filme, sendo que desde este filme inaugural mais de 30 títulos ostentaram a marca – e, neles, pontificará a *persona* – de DJANGO, sendo o mais recente DJANGO UNCHAINED de Quentin Tarantino.

► Quarta-feira [02] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

IL BUONO, IL BRUTTO, IL CATTIVO

O Bom, o Mau e o Vilão

de Sergio Leone
com Clint Eastwood, Eli Wallach,
Lee Van Cleef, Rada Rassimov

Itália, Espanha, República Federal Alemã, Estados Unidos, 1966 – 180 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O último filme da trilogia dos dólares e do “Homem Sem Nome”. Foi realizado com um orçamento mais confortável do que os anteriores e o seu argumento conta uma caça ao

tesouro enterrado num remoto cemitério, com rivalidades e traições. A ação tem como pano de fundo a Guerra de Secessão. A magistral sequência final, um duelo a três, é das mais célebres da obra de Leone. Como observou Rafael de España: “A trama é menos importante do que a maneira como está contada, o gosto pelos pormenores, as sarcásticas mudanças de tom, a evolução semelhante a de um *road movie* e, o que é mais importante, as referências aos dois filmes anteriores”. O filme foi lançado nos Estados Unidos ao mesmo tempo que os dois anteriores, transformando Clint Eastwood em vedeta no seu país e pondo fim à sua colaboração com Sergio Leone.

- Quarta-feira [02] 19h30 | Sala Luís de Pina
- Segunda-feira [21] 21h45 | Esplanada

TIEMPO DE MORIR

de Arturo Ripstein

com Marga López, Jorge Martínez de Hoyos, Enrique Rocha

México, 1966 – 89 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Partindo de uma história e argumento assinados por Gabriel García Márquez e Carlos Fuentes, o célebre realizador mexicano Arturo Ripstein rodou o seu filme de estreia com apenas 21 anos de idade e usufruindo de um apoio à produção prestado por seu pai, Alfredo Ripstein. Nota-se nesta primeira obra a influência de Luis Buñuel, com quem Ripstein trabalhou no início da sua carreira como assistente de realização: história de vingança, eminentemente fatalista, em tom elegíaco, próxima dos *westerns* melodramáticos de Anthony Mann, sobre um homem em busca de sossego após cumprir pena de 18 anos de prisão pela morte de um homem num duelo, mas os filhos deste último não esquecem nem perdoam facilmente. Primeira exibição na Cinemateca, a exhibir em cópia digital.

- Quinta-feira [03] 21h45 | Esplanada
- Quinta-feira [10] 19h30 | Sala Luís de Pina

FACCIA A FACCIA

Cara a Cara

de Sergio Sollima

com Gian Maria Volontè, Tomas Milian, William Berger

Itália, Espanha, 1966 – 111 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Um choque de titãs à frente e atrás das câmaras: Gian Maria Volontè cara a cara com Tomas Milian (que voltaria a trabalhar com Sollima em LA RESA DEI CONTI e CORRI UOMO CORRI, filmes que formam com FACCIA A FACCIA uma trilogia sobre a violência, o poder e a revolução), atores com visões políticas diferentes e, neste filme, resolvendo as suas diferenças *on screen*. Brad Fletcher (Volontè), um professor de História obrigado a reformar-se devido à sua fraca condição de saúde, é sequestrado pelo infame bandido Solomon Bennet (Milian). Só que, neste *western* político, as personagens extravasam as velhas categorias do bom e do mau, de tal maneira é assim que o “bom professor” não resistirá ao fascínio por uma vida no mundo do crime e, em particular, pela dinâmica do *gang* liderado por Bennet. Primeira exibição na Cinemateca.

- Sexta-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina

DA UOMO A UOMO

A Morte Vem a Cavalo

de Giulio Petroni

com Lee Van Cleef, John Phillip Law, Mario Brega

Itália, Espanha, 1967 – 114 min
legendado eletronicamente em português | M/12

É um dos filmes mais definidores da *persona* de Lee Van Cleef no *western*, antecipando a criação da sua famosa personagem, Sabata. Cleef interpreta um ex-condenado à procura de vingança junto dos bandidos que o atiraram para a cadeia e cujo destino se cruza com o de um jovem (John Philip Law) igualmente sedento de fazer justiça pelas próprias mãos tendo como alvo esse mesmo *gang*. Como é que ambos se vão concertar nesta história crua e violenta de vingança? Como escreveu o crítico americano J. Hoberman, “Trata-se de um perverso *buddy film* (...) desenrolado num mundo distintamente primitivo (...)”. A banda sonora de Ennio Morricone (invocada por Tarantino em KILL BILL) confere *pathos* a este perfeito exemplar do *western spaghetti*. Primeira exibição na Cinemateca.

- Sábado [05] 21h45 | Esplanada
- Terça-feira [08] 19h30 | Sala Luís de Pina

QUIÉN SABE?

O Mercenário

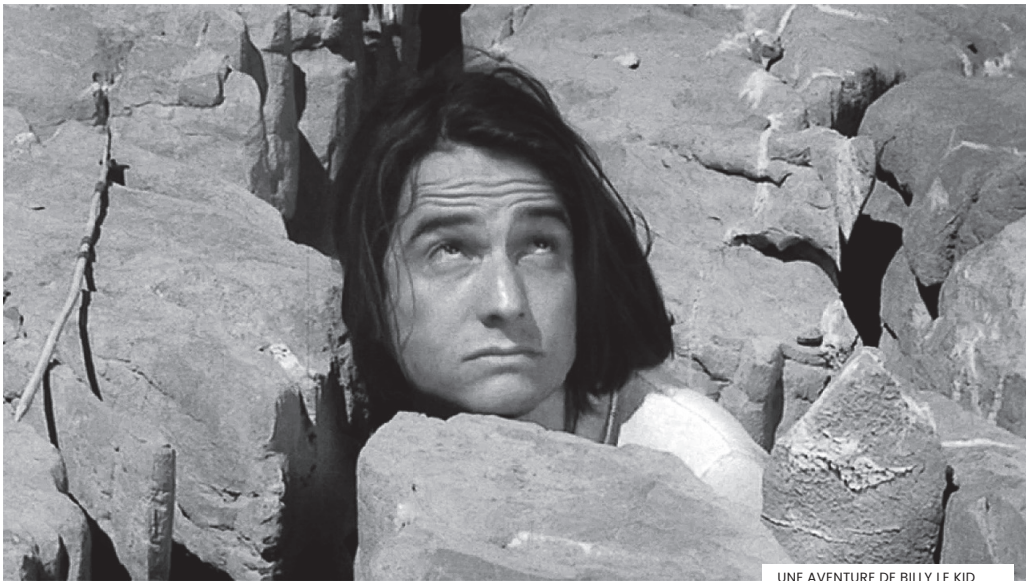
de Damiano Damiani

com Gian Maria Volontè, Klaus Kinski, Martine Beswick

Itália, Espanha, 1967 – 115 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Western spaghetti particularmente denso e politizado cuja história, com argumento coassinado por Franco Solinas

(SALVATORE GIULIANO e LA BATTAGLIA DI ALGERI), desenrolada durante a revolução mexicana, é protagonizada por um gangue de bandidos liderado por El Chuncho (Gian Maria Volontè) e pelo seu irmão, El Santo (Klaus Kinski), que estabelece uma parceria com o mercenário americano



Bill Tate (Lou Castel), mas são pouco claras as intenções do “gringo” de fato e gravata. Em certa medida, Volontè e Castel desenvolvem uma relação não muito diferente daquela que se estabelece entre o mesmo Volontè e Thomas Milian em FACCIA A FACCIA, produzindo-se um retrato, moralmente ambíguo, sobre a linha tênue entre o bem e o mal, e uma irredimível vontade de poder – dois excelentes exemplares do *western* político italiano, mais conhecido como *Zapata Western*. Primeira apresentação na Cinemateca, a exhibir em cópia digital.

- Segunda-feira [07] 19h30 | Sala Luís de Pina
- Terça-feira [29] 19h30 | Sala Luís de Pina

I CRUDELI

Os Cruéis

de Sergio Corbucci

com Joseph Cotten, Norma Begell, Julián Mateos

Itália, Espanha, 1967 – 90 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Um ex-general confederado empreende, com um grupo de soldados, uma tentativa de vingança relativa à derrota na guerra civil americana, atacando e saqueando uma diligência inimiga. É um filme sobre *outcasts* e a miséria moral de quem cai no “lado errado da História”. Uma obra sobre o aspeto devorador e brutal da natureza humana, à boa maneira de outros filmes de Corbucci, tais como DJANGO e IL GRANDE SILENZIO. Interpretação extraordinária de Joseph Cotten – como raras vezes se viu no cinema americano – e uma trilha musical com assinatura do incontornável Ennio Morricone. Foi citado por Quentin Tarantino – no seu título americano, THE HELLBENDERS – como uma das principais referências para a realização de THE HATEFUL EIGHT. Primeira exibição na Cinemateca, a exhibir em cópia digital.

- Segunda-feira [07] 21h45 | Esplanada
- Sexta-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EL TOPO

“O Topo”

de Alejandro Jodorowsky

com Alejandro Jodorowsky, Brontis Jodorowsky, José Legarreta

Estados Unidos, 1970 – 125 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Jodorowsky dá azo à imaginação e associa à iconografia do *western* a sua paixão pelo ocultismo, pela “psicomagia”, pela filosofia Zen e pelo folclore. Protagonizado pelo próprio Alejandro Jodorowsky e pelo seu filho, Brontis Jodorowsky, EL TOPO é uma *trip* psicadélica, ultraestilizada e ultraviolenta (a cena da violação deu e continua a dar brado) que teve um impacto imenso na cultura *pop* à época do seu lançamento: John Lennon mostrou-se tão afetado pelo filme que lhe garantiu uma distribuição

internacional, convencendo Allen Klein a comprar os direitos de exibição, com isso retirando-o do circuito *underground* a que parecia estar condenado. Tornou-se um dos filmes mais inspiradores e um “artist’s movie” como houve poucos, com David Lynch, Samuel Fuller,

Peter Fonda, Dennis Hopper, Bob Dylan e Peter Gabriel a tecerem-lhe loas. EL TOPO não passa na Cinemateca desde 1997. A exhibir em cópia digital.

- Sexta-feira [11] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [22] 21h45 | Esplanada

IL GRANDE SILENZIO

O Grande Silêncio

de Sergio Corbucci

com Jean-Louis Trintignant, Klaus Kinski, Frank Wolff

Itália, França, 1968 – 105 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Western gelado – diz-se que a neve foi simulada através do recurso a mesmo muito creme de barbear – que põe frente-a-frente um Jean-Louis Trintignant, misterioso e mudo, com um “loco” Klaus Kinski, naquele que é um dos mais amados *western spaghetti*s, que se tornou um clássico depois de anos a alimentar o culto em mercados de nicho. O famoso produtor americano Darryl F. Zanuck tê-lo-á considerado “o melhor *western spaghetti* de tempos recentes”. De acordo com Carlos Natálio (*À pala de Walsh*), este é “um filme extravagante e rude onde ninguém consegue muito bem o que quer (nem Corbucci, talvez) e onde paira o outro lado da paródia, uma espécie de alma indecível do *western spaghetti*.” Não passa na Cinemateca desde 2003, no âmbito do Ciclo “Os Tesouros de Munique”.

- Sábado [12] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quarta-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

C'ERA UNA VOLTA IL WEST

Aconteceu no Oeste

de Sergio Leone

com Henry Fonda, Charles Bronson, Claudia Cardinale, Jason Robards

Itália, Estados Unidos, 1968 – 166 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Para a produção do seu quarto *western spaghetti*, Leone teve finalmente meios suficientes para contratar um dos seus ídolos, Henry Fonda. E como Fonda sempre fez papéis de heróis “positivos”, Leone fez dele um vilão total. Como indica o título do filme (“Era uma vez no Oeste”), Leone assume totalmente o aspeto mítico do género, através da epopeia da construção dos caminhos de ferro. Claudia Cardinale chega a uma cidade para se juntar ao homem com quem casara por procuração, mas ao chegar descobre que ele foi morto por um assassino por contrato. Passa a ser protegida por um inimigo deste, chamado Armonica (Charles Bronson, que começava a transformar-se em vedeta, já perto dos 50 anos). Bernardo Bertolucci e Dario Argento colaboraram no argumento. Neste filme, Leone acentuou ainda mais o “abrandamento” do ritmo narrativo, que era uma das marcas do seu cinema. A exhibir em cópia digital.

- Segunda-feira [14] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Sexta-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

UNE CORDE UN COLT...

de Robert Hossein
com Michèle Mercier, Robert Hossein, Guido Lollobrigida
França, Itália, 1969 – 90 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Argumento coescrito por Dario Argento (embora não apareça creditado em todas as versões do filme) e pelo ator-argumentista-realizador Robert Hossein, ator que trabalhou sob a direção de Marquerite Duras ou de Jules Dassin e que como *metteur en scène* se especializou em estilizados filmes violentos de estética série B (muitas vezes sobre *serial killers* como é o caso de LE VAMPIRE DE DÜSSELDORF). UNE CORDE UN COLT..., também conhecido pelo seu título internacional “Cemetery Without Crosses”, é um *western* minimal e conceptual, quase sem diálogos e que faz do *jump cut* uma arma de precisão notável: o duelo final é um anti duelo que cruza o *western spaghetti* com a estética da *Nouvelle Vague* – não espanta que também seja descrito como o mais francês dos *western spaghetti*s. E, contudo, também é uma homenagem explícita a Sergio Leone, como, aliás, atesta o cartão final. Primeira exibição na Cinemateca, a exibir em cópia digital.

- Terça-feira [15] 19h30 | Sala Luís de Pina
► Quarta-feira [23] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

WHITY

“*Branquelas*”
de Rainer Werner Fassbinder
com Günther Kaufmann, Ron Randell, Hanna Schygulla
República Federal Alemã, 1971 – 95 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos filmes menos vistos do prolífico e “cruel” realizador alemão, este *film maudit* é uma tentativa de Fassbinder de ingressar no gênero popular do *western*, invertendo e pervertendo os seus códigos dramáticos, mas, ao mesmo tempo, prestando-lhes uma homenagem sentida e violenta. O filme mais diretamente homenageado é a obra-*prima* de Raoul Walsh, BAND OF ANGELS, algo visível na sua história acerca de uma família em desintegração no sul da América, em 1878. Excluindo “Whity” (“o branquelas”), o mordomo negro interpretado por Günther Kaufmann, poucas ou nenhuma personagens “estão a salvo”, incluindo o próprio Fassbinder, surgido num *cameo* delirante, na pele do intempestivo *cowboy* que visita o *saloon*. WHITY, a exibir em cópia digital, não passa na

Cinemateca desde o Ciclo de 2007 dedicado a Rainer W. Fassbinder: “O Amor é Mais Frio do que a Morte”.

- Quarta-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
► Quarta-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

IL MIO NOME È NESSUNO

O Meu Nome é Ninguém
de Tonino Valerii
com Terence Hill, Henry Fonda, Jean Martin
Itália, França, República Federal Alemã, 1973 – 116 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Não é só o argumento que aparece coassinado por Sergio Leone: tudo, da estrondosa música de Morricone até à escala épica da história, comunica com o universo do realizador de IL BUONO, IL BRUTTO, IL CATTIVO, tendo aliás o famoso cineasta italiano realizado algumas sequências, nomeadamente o inclassificável duelo final. Assistente de Leone e realizador de um dos melhores *spaghetti*s do ano dourado do gênero, 1967 (I GIORNI DELL’IRA), com Lee Van Cleef como lendário *gunman* em choque com o seu pupilo, Tonino Valerii volta a fazer rodar a história em torno da relação aluno-mestre, desta feita, entre “Nessuno” (ninguém), papel que catapulta Terence “Trinità” Hill para a posteridade, e Henry Fonda, cerca de cinco anos depois de C’ERA UNA VOLTA IL WEST. A parada é alta neste jogo com a história e o estatuto lendário do “ninguém” contra um lendário *cowboy* que, apesar de envelhecido, ainda tem tudo para se tornar o maior pistoleiro da História. Como disse Leone sobre este filme: “seria interessante confrontar o mito com a sua caricatura”. Primeira passagem na Cinemateca, a exibir em cópia digital.

- Quinta-feira [17] 19h30 | Sala Luís de Pina

UNE AVENTURE DE BILLY LE KID

de Luc Moullet
com Jean-Pierre Léaud, Rachel Kesterber, Jean Valmont, Luc Moullet
França, 1971 – 77 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Como crítico, Luc Moullet foi um grande apreciador de *westerns*. Com este filme dá-nos um *western* francês, com Jean-Pierre Léaud no papel de Billy the Kid, “um dos raros filmes surrealistas franceses”, na opinião de Jean-Marie Straub. O filme nunca foi distribuído comercialmente em França, mas foi comercializado na América do Sul, numa versão dobrada em inglês e com um título memorável: A GIRL IS A GUN. Na respetiva Folha de Sala, Antonio Rodrigues

define-o como “uma curiosa mistura de burlesco francês de 1971, com uma variante peculiar do *western* europeu e também como uma espécie de *home movie*”. A exibir em cópia digital.

- Sexta-feira [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO

Antonio das Mortes
de Glauber Rocha
com Maurício do Valle, Odete Lara, Lorival Pariz, Antonio Piranga
Brasil, 1969 – 95 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Mais conhecida como ANTONIO DAS MORTES, esta primeira longa-metragem a cores de Glauber Rocha amplia o universo de DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL, com uma *mise en scène* que tem alguns pontos em comum com o *western spaghetti*. O filme aproxima certos mitos populares brasileiros da alegoria política. O protagonista, Antonio das Mortes, assassino por contrato a serviço dos poderosos, já surgira em DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL. Mas, desta feita, acaba por se voltar contra eles e massacra os representantes da ordem estabelecida. “ANTONIO DAS MORTES é o meu ALEXANDRE NEVSKI, é o ALEXANDRE NEVSKI do sertão, a ópera global inspirada pelas lições de Eisenstein” (Glauber Rocha).

- Sexta-feira [25] 21h45 | Esplanada

KEOMA

de Enzo G. Castellari
com Franco Nero, Woody Strode, William Berger
Itália, 1976 – 105 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Conhecido pelos seus policiais e filmes de ação, Enzo G. Castellari imprime um tom de tragédia – e de horror – neste *western spaghetti* tardio, com um Franco Nero na sua versão mais cruel e circunspecta tentando proteger a comunidade que o viu nascer, a braços com uma praga nefasta e com uma série de outras ameaças, nomeadamente os perigosos meios-irmãos do nosso herói que responde pelo nome de Keoma. “Os autores do filme questionam-se sobre a violência e o racismo, evitando as piadas fáceis que tomaram conta de alguns filmes do gênero nos últimos anos do *western spaghetti*”, concluiu Patrick Brion na sua *Encyclopédie du Western*. Primeira passagem na Cinemateca, a exibir em cópia digital.

- Sábado [19] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro
► Quinta-feira [24] 21h45 | Esplanada

BOMBSHELL

de Victor Fleming
com Jean Harlow, Lee Tracy, Frank Morgan, Franchot Tone
Estados Unidos, 1933 – 96 min
legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 19 APRESENTADA POR DAVID STENN (em inglês)

Lola Burns, a personagem de Jean Harlow, está no topo da sua carreira em Hollywood, mas num momento difícil perante a família e as exigências publicitárias do estúdio. Ou seja, em BOMBSHELL, sátira aos bastidores do glamoroso mundo de Hollywood, Jean Harlow brinca com o seu próprio papel, interpretando o papel de uma explosiva estrela de cinema.

- Segunda-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
► Segunda-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

GIRL 27

de David Stenn
com Patricia Douglas, Baby Peggy, Richard W. Bann
Estados Unidos, 2007 – 90 min
legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 21 APRESENTADA POR DAVID STENN (em inglês)

No decurso da pesquisa para a biografia de Jean Harlow (*Bombshell: The Life and Death of Jean Harlow*, publicada

CARTA BRANCA A DAVID STENN

Argumentista, produtor, biógrafo de Clara Bow (*Clara Bow: Runnin’ Wild*, 1988) e de Jean Harlow (*Bombshell: The Life and Death of Jean Harlow*, 1993), David Stenn é também um cinéfilo apaixonado, entusiasta persistente e patrono comprometido com a salvaguarda e a difusão de filmes, tendo financiado o restauro de obras há muito consideradas perdidas ou indisponíveis (incluindo um muito recentemente “achado” com Olive Borden), algumas das quais entretanto já exibidas nas nossas salas. Faz parte, desde 2009, da Direção do Departamento de Cinema do MoMA em Nova Iorque, é membro do Conselho Consultivo do Arquivo de Cinema e Televisão da UCLA em Los Angeles e do Conselho de Administração do Museu George Eastman em Rochester. O encontro com a Cinemateca deu-se em 2021, quando David Stenn decidiu investir no nosso arquivo através de um donativo para a aquisição de um equipamento de captura de imagem em película, fundamental para o trabalho diariamente desenvolvido de digitalização de filmes portugueses.

Nascido em Chicago, Illinois, David Stenn licenciou-se em artes na Universidade de Yale, e um ano mais tarde começou a sua carreira televisiva, quando se tornou o mais novo argumentista da série *Hill Street Blues/A Balada de Hill Street*. Como argumentista, por vezes também como produtor, trabalhou ainda para as séries *Alfred Hitchcock Presents* (1985–86), *21 Jump Street* (o título que lançou Johnny Depp), *Beverly Hills 90210*, *Central Park West*, *The L Word*, *Boardwalk Empire*. Para cinema, escreveu COOL AS ICE (David Kellogg, 1991). Em 1993, logo após a publicação da biografia de Jean Harlow, David Stenn confidencia a Jacqueline Onassis (editora das duas biografias que escreveu) ter-se deparado, na pesquisa para esse livro, com o que chamaria de “provavelmente o maior escândalo da História de Hollywood, e o mais bem escondido”. Incentivado por Jacqueline Onassis a “descobrir” essa história, a pesquisa daria origem ao primeiro filme que realizou: GIRL 27 (2007).

O programa desta Carta Branca que a Cinemateca lhe entregou é composto por 10 filmes (de uma pré-seleção de 31 títulos apresentada por David Stenn), todos eles com “algum significado para mim, muitas vezes uma história que tenho sobre eles e que as pessoas não conhecem”.

David Stenn estará presente em Lisboa a acompanhar esta Carta Branca.

em 1993), David Stenn depara-se com o que chamaria de “provavelmente o maior escândalo da História de Hollywood, e o mais bem escondido”: a violação de Patricia Douglas, bailarina e atriz, numa convenção da MGM organizada por Louis B. Mayer. Desafiando a ordem de silêncio do estúdio, Douglas intenta uma ação judicial histórica, mas o caso é encerrado. Douglas torna-se reclusa, recusando-se a falar sobre o incidente, até ser localizada seis décadas depois por David Stenn, que neste filme recorre a entrevistas e a imagens de arquivo para explorar o poder político dos estúdios de cinema na Hollywood dos anos 30, bem como as atitudes do público em relação às agressões sexuais. A atriz Jessica Chastain, uma das figuras proeminentes do movimento #MeToo, afirmou que o filme “deveria ser de visionamento obrigatório para qualquer pessoa na indústria cinematográfica”. Primeira exibição na Cinemateca.

- Terça-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [31] 19h30 | Sala Luís de Pina

HOOPLA

Hoopla, A Dançarina Vermelha
de Frank Lloyd
com Clara Bow, Preston Foster, Richard Cromwell
Estados Unidos, 1933 – 85 min
legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 22 APRESENTADA POR DAVID STENN (em inglês)

Último filme de Clara Bow, que se retiraria do cinema aos 28 anos de idade, e que aqui interpreta uma dançarina que aceita 100 dólares de um colega para seduzir o filho (Richard Cromwell) ingênuo e sensível do patrão. Acabará por ser bem-sucedida, quando o leva para um lago e dá um mergulho noturno nua, neste que é um dos últimos filmes lançados antes do Código Hays ser estritamente aplicado. Primeira exibição na Cinemateca.

- Terça-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quarta-feira [23] 21h45 | Esplanada

STARLET

de Sean Baker
com Boonee, Dree Hemingway, Stella Maeve
Estados Unidos, 2012 – 103 min
legendado eletronicamente em português | M/16

SESSÃO DE DIA 22 APRESENTADA POR DAVID STENN (em inglês)

Antes do recentemente “Oscarizado” ANORA, antes de filmar TANGERINE com três iPhone 5S e de outros títulos que, entretanto, o transformaram num dos realizadores independentes mais aclamados da atualidade, Sean Baker realiza STARLET, filme sobre a amizade improvável entre duas mulheres, uma de 22 anos (Dree Hemingway, a filha de Mariel e bisneta de Ernest), outra de 85 (Besedka Johnson, no único “papel” da sua vida – morreria no ano seguinte), cujos mundos colidem, ou se cruzam, no Vale de San Fernando, na Califórnia. Primeira exibição na Cinemateca.

- Quarta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [29] 21h45 | Esplanada

THE GODDESS

A Deusa
de John Cromwell
com Kim Stanley, Lloyd Bridges, Steven Hill
Estados Unidos, 1958 – 104 min
legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 23 APRESENTADA POR DAVID STENN (em inglês)

Alegadamente inspirado na vida e carreira de Marilyn Monroe – o que seria negado pelo autor do argumento, Paddy Chayefsky, que aqui se estreou na escrita para cinema (e que lhe valeria uma nomeação para o Oscar de Melhor Argumento) – THE GODDESS retrata a vida de uma rapariga solitária e ostracizada que se torna uma estrela de cinema adorada por milhões, mas que é infeliz na vida privada. Foi um dos últimos filmes realizados pelo veterano John Cromwell, e o primeiro papel de Kim Stanley no cinema.



BOMBSHELL

- Quinta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

IL GIARDINO DEI FINZI-CONTINI

O Jardim Onde Vivemos
de Vittorio De Sica
com Dominique Sanda, Helmut Berger, Fabio Testi, Romolo Vali

Itália, 1970 – 94 min
legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 24 APRESENTADA POR DAVID STENN (em inglês)

O filme segue a trama do romance homónimo de Giorgio Bassani (1962) e trata das relações entre os jovens da comunidade judia em Ferrara, em plena ascensão de Mussolini nos anos trinta. Em pano de fundo, os amores contrariados e a morte. O regime fascista multiplica medidas vexatórias contra os judeus, mas a família Finzi-Contini, pilar da aristocracia de Ferrara, recusa-se a acreditar na iminente ameaça enquanto, fora dos muros, o pior está por vir. IL GIARDINO DEI FINZI-CONTINI é uma das obras da fase final da filmografia de De Sica.

- Sexta-feira [25] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [31] 21h45 | Esplanada

IT

Aquilo
de Clarence G. Badger
com Clara Bow, Antonio Moreno, William Austin, Priscilla Bonner

Estados Unidos, 1927 – 72 min
legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 25 APRESENTADA POR DAVID STENN (em inglês)

“Toda a América estava apaixonada por Clara Bow, com a famosa boquinha, os cabelos louros encaracolados e outros atributos (...). O filme foi tão popular, nesse ano de 1927, que o termo *it* entrou no calão cinematográfico e passou a ser, desde aí, sistematicamente utilizado. Ter *it* ou não ter *it* passou a ser a questão e Clara Bow ficou para sempre conhecida com o nome de *it girl*.” (João Bénard da Costa, “folha” da Cinemateca). Sim, este é o filme, IT/AQUILO, de Clarence Badger, “responsável” tanto pela fama da atriz (“Clarita” Bow para quase todos) como do próprio realizador. O filme não é exibido na Cinemateca desde o Ciclo “Centenário do Cinema”, em 1995. A exibir em cópia digital.

- Sexta-feira [25] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [28] 21h45 | Esplanada

NETWORK

Escândalo na Televisão
de Sidney Lumet
com Faye Dunaway, William Holden, Peter Finch, Beatrice Straight, Robert Duvall

Estados Unidos, 1976 – 121 min
legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 25 APRESENTADA POR DAVID STENN (em inglês)

“I’m as mad as hell and I’m not going to take this anymore!” – com este grito de revolta, um perturbado “pivot” televisivo (depois de saber do seu despedimento devido a

audiências baixas) coloca um país inteiro, à janela, a berrar a sua revolta com as suas vidas e o mundo à sua volta. O canal de televisão, explorando o seu sensacionalismo e um novo estatuto messiânico, opta por uma nova orientação editorial, dando-lhe um novo e alucinado programa, e planeando, para os seus espectadores, um “reality show” dentro de um grupo terrorista. NETWORK é uma obra mordaz e fundamental de Sidney Lumet (com argumento de Paddy Chayesfky) sobre a comunicação, a política e o nosso consumo de imagens no nosso mundo, com destaque, igualmente, para um elenco em estado de graça (Oscars de interpretação para Faye Dunaway, Peter Finch e Beatrice Straight). A exibir em cópia digital.

- Sábado [26] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quarta-feira [30] 21h45 | Esplanada

VICTIMAS DEL PECADO

de Emilio Fernández
com Ninón Sevilla, Tito Junco, Rodolfo Acosta
México, 1950 – 85 min
legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 26 APRESENTADA POR DAVID STENN (em inglês)

Ninón Sevilla dirigida por Emilio Fernández. Ninón é, aqui, outra “desgraçada” que acabará por encontrar a felicidade após dramas sem fim, tudo começando quando, por piedade, recolhe o bebé abandonado por uma prostituta e é despedida do trabalho por julgarem que é filho dela, sendo forçada a prostituir-se para educar a criança. A fotografia é de Gabriel Figueroa. A exibir em cópia digital.

- Sábado [26] 21h45 | Esplanada
- Quarta-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

THREE ON A MATCH

de Mervyn LeRoy
com Joan Blondell, Ann Dvorak, Bette Davis, Warren William

Estados Unidos, 1932 – 63 min
legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 26 APRESENTADA POR DAVID STENN (em inglês)

THREE ON A MATCH acompanha a amizade entre três amigas de infância na época da “lei seca” e o reencontro acidental na vida adulta, altura para “tentarem” a superstição de acender três cigarros com um só fósforo: uma vida fica fora de controlo. Pelo caminho, há também drogas, sexo apaixonado, roubo, divórcio, rapto e tentativa de homicídio neste filme que é “uma verdadeira curiosidade e bastante sugestiva a vários títulos” (Manuel Cintra Ferreira).



COM A LINHA DE SOMBRA

Nesta habitual rubrica em colaboração com a livraria Linha de Sombra, este mês programámos PAPER MOON, de Peter Bogdanovich, após a sessão de lançamento do catálogo *Eduardo Geadá – O Olhar do Desejo*. Também COM A LINHA DE SOMBRA exibiremos A CAÇA e JAIME após o lançamento do livro *Cinema e Forma*, de Edmundo Cordeiro e de *Outras Revoluções, Cinema* (org. Edmundo Cordeiro), que decorrerá na esplanada da Cinemateca no mesmo dia, às 18h00, com apresentação de David Pinheiro Vicente, Marta Domingues e Maria João Madeira.

► Quinta-feira [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

A CAÇA

de Manoel de Oliveira

Portugal, 1963 – 21 min

JAIME

de António Reis

Portugal, 1974 – 35 min

duração total da projeção: 56 min | M/12

A CAÇA tem uma concisão e uma força direta um tanto raras no cinema de Oliveira. Esta poderosa alegoria sobre o destino humano em forma semidocumental, que alguns defendem ser o mais buñueliano dos seus filmes, teve problemas com a censura salazarista, levando-o a filmar um desenlace otimista. A apresentar na versão que inclui os dois finais, como é regra nas últimas décadas. Um dos primeiros trabalhos do poeta do cinema português, António Reis, JAIME, documentário sobre o falecido doente psiquiátrico – também pintor – Jaime Fernandes, irrompeu na nossa cinematografia como um gesto único de solidez e força instintiva. Embora Margarida Cordeiro esteja não creditada, é a primeira colaboração no cinema de Reis e Cordeiro.



► Sábado [05] 16h30 | Esplanada

LANÇAMENTO DO CATÁLOGO

“EDUARDO GEADA – O OLHAR DO DESEJO”

Depois da retrospectiva dedicada à obra de Eduardo Geadá, no passado mês de maio, a Cinemateca apresenta o catálogo homónimo *Eduardo Geadá – O Olhar do Desejo*, que inclui uma extensa entrevista com o realizador, uma vasta coletânea dos seus textos críticos (até agora inéditos em livro) e vários ensaios doutros autores (Fernando Pernes, Pedro Mexia, João Lopes, Tiago Bartolomeu Costa, Sónia Vespeira de Almeida, Leonor Areal, Maria João Madeira, Ricardo Gross e Ricardo Vieira Lisboa), republicados e originais, sobre a sua obra cinematográfica e televisiva. Neste lançamento, o realizador participará numa conversa sobre o seu trabalho, onde participarão os críticos João Lopes e Jorge Leitão Ramos (seus antigos colaboradores), a investigadora Leonor Areal e o programador da Cinemateca Ricardo Vieira Lisboa (responsável pelo Ciclo e por esta publicação). O lançamento será seguido pela exibição de PAPER MOON, a propósito do qual Eduardo Geadá escreveu o ensaio “Quem É Peter Bogdanovich?”, incluído neste catálogo.

► Sábado [05] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PAPER MOON

Lua de Papel

de Peter Bogdanovich

com Ryan O’Neal, Tatum O’Neal, Madeline Kahn,
John Hillerman, P. J. Johnson, Randy Quaid

Estados Unidos, 1973 – 102 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Na terceira longa-metragem, Bogdanovich reincidiu na comédia e voltou ao preto e branco. O argumento parte de um romance de Joe David Brown (*Addie Pray*), decorrendo o filme durante o período da Grande Depressão no estado do Kansas, com Ryan e Tatum O’Neal (em estreia no cinema) a assumir, como na vida real, os papéis de pai e filha. Por aqui pairam sombras de John Ford e de THE WIZARD OF OZ. De tal modo que, na revista *Cinéfilo*, poucas semanas depois do 25 de Abril, Eduardo Geadá escreveu que “PAPER MOON, filme porventura saudosista dos melhores momentos do cinema americano, constitui – pelo menos para os novos cinéfilos – a versão atualizada e inconformista dos cânticos da inocência e da experiência.”

SESSÃO DE ANTECIPAÇÃO DOCLISBOA 2025

Como habitualmente, a Cinemateca apresenta uma sessão que antecipa a retrospectiva que coorganiza com o festival Doclisboa (e que decorrerá entre 17 e 31 de outubro), este ano dedicada a William Greaves, «o decano dos cineastas independentes» (Donald Bogle).

“William Greaves: o cinema como missão” (coprogamada em conjunto com Scott MacDonald, um dos autores e coordenadores do livro *William Greaves: Filmmaking as Mission*) vai apresentar uma amostra muito completa desta obra por redescobrir, dando conta da complexidade e variedade de propostas contidas no cinema deste homem negro renascentista e um dos nomes mais injustamente esquecidos no panorama do cinema moderno de estilo documental.

► Sexta-feira [04] 21h45 | Esplanada

IN THE COMPANY OF MEN

de William Greaves

Estados Unidos, 1969 – 52 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Após inspecionar as contradições da classe média e média-alta afro-americana em STILL A BROTHER: INSIDE THE NEGRO MIDDLE CLASS, William Greaves apontou a sua câmara para a realidade laboral norte-americana, em particular, para o modo como os trabalhadores de tez “não branca” eram sujeitos a discriminação sistemática nas ações e na própria linguagem usada pelos supervisores e patrões. Este filme encomendado pela revista *Newsweek* acompanha, de maneira muito livre, ao jeito da “escrita cinematográfica” de Frederick Wiseman ou dos irmãos Maysles, uma série de sessões de terapia de grupo lideradas por Walter Klavun, um experiente psicodramatista, sob influência de Jacob Levy Moreno, que recorre a dramatizações para sarar feridas no local de trabalho. Aquando do lançamento de IN THE COMPANY OF MEN, Greaves, interessado em integrar o *role play* na sua própria prática (pseudo)documental, já havia rodado o filme-ovni laboratorial SYMBIOPSYCHOTAXIPLASM: TAKE ONE. Primeira exibição na Cinemateca.

EXPOSIÇÃO

O COSMORAMA EM LISBOA - AS VIAGENS VIRTUAIS NO SÉCULO XIX

SALAS DOS CARVALHOS, CUPIDOS E 6X2
DE 2ª A SÁBADO, DAS 14H00 ÀS 21H30

ENTRADA LIVRE



01 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ERA UMA VEZ... O WESTERN
DJANGO
de Sergio Corbucci

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
AUSSI LOIN QUE MON ENFANCE
de Marilù Parolini

LA SALAMANDRE
de Alain Tanner

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE ADVENTURES OF HUCKLEBERRY FINN
de Michael Curtiz

21H45 | ESPLANADA| TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
JIMMY THE GENT
de Michael Curtiz

02 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ERA UMA VEZ... O WESTERN
IL BUONO, IL BRUTTO, IL CATTIVO
de Sergio Leone

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
LE PONT DU NORD
de Jacques Rivette

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
TIEMPO DE MORIR
de Arturo Ripstein

21H45 | ESPLANADA | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
BRITISH AGENT
de Michael Curtiz

03 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
FORCE OF ARMS
de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | COM A LINHA DE SOMBRA
A CAÇA
de Manoel de Oliveira

JAIME
de António Reis

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
TRICHEURS
de Barbet Schroeder

21H45 | ESPLANADA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
FACCIA A FACCIA
de Sergio Sollima

04 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ERA UMA VEZ... O WESTERN
DA UOMO A UOMO
de Giulio Petroni

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
LA NAVIRE NIGHT
de Marguerite Duras

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE CABIN IN THE COTTON
de Michael Curtiz

21H45 | ESPLANADA| SESSÃO DE ANTECIPAÇÃO DOCLISBOA
IN THE COMPANY OF MEN
de William Greaves

05 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR / TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE ADVENTURES OF HUCKLEBERRY FINN
de Michael Curtiz

16H00 | SALA LUÍS DE PINA | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
L'AMOUR FOU
de Jacques Rivette

16H30 | ESPLANADA | COM A LINHA DE SOMBRA
LANÇAMENTO DO CATÁLOGO
“EDUARDO GEADA – O OLHAR DO DESEJO”

18H00 | SALA LUÍS DE PINA | COM A LINHA DE SOMBRA
PAPER MOON
de Peter Bogdanovich

21H45 | ESPLANADA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
QUIÉN SABE?
de Damiano Damiani

07 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
CAPTAINS OF THE CLOUDS
de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
LES IDOLES
de Marc'O

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
I CRUDELI
de Sergio Corbucci

21H45 | ESPLANADA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
EL TOPO
de Alejandro Jodorowsky

08 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
LA PALOMA
de Daniel Schmid

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"

UN ANNIVERSAIRE
RINK-HOCKEY – LE HOCKEY SUR ROULETTES
CINEMA PORTUGAIS? UN MODE D'EMPLOI
de Eduardo Serra

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
QUIÉN SABE?
de Damiano Damiani

21H45 | ESPLANADA | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
VIRGINIA CITY
de Michael Curtiz

09 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE WALKING DEAD
SONS OF LIBERTY
de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"

LE MARI DE LA COIFFEUSE
de Patrice Leconte

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE MAD GENIUS
de Michael Curtiz

21H45 | ESPLANADA | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
TERRE ÉTRANGÈRE/DAS WEITE LAND
de Luc Bondy

10 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"

MARCHE À L'OMBRE
de Eduardo Serra

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"

AMOR E DEDINHOS DE PÉ
de Luís Filipe Rocha

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
FACCIA A FACCIA
de Sergio Sollima

21H45 | ESPLANADA | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
TRICHEURS
de Barbet Schroeder

11 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ERA UMA VEZ... O WESTERN
IL GRANDE SILENZIO
de Sergio Corbucci

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"

O PROCESSO DO REI
de João Mário Grilo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
CAPTAINS OF THE CLOUDS
de Michael Curtiz

21H45 | ESPLANADA | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
BELLE TOUJOURS
de Manoel de Oliveira

12 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR / EDUARDO SERRA
THE DISAPPEARENCE OF FINBAR
de Sue Clayton

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ERA UMA VEZ... O WESTERN
C'ERA UNA VOLTA IL WEST
de Sergio Leone

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
FORCE OF ARMS
de Michael Curtiz

21H45 | ESPLANADA | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"

SEM SOMBRA DE PECADO
de José Fonseca e Costa

14 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ERA UMA VEZ... O WESTERN
UN CORDE UN COLT...
de Robert Hossein

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
MAD GENIUS
de Michael Curtiz

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
DA UOMO A UOMO
de Giulio Petroni

21H45 | ESPLANADA | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"

LA MARI DE LA COIFFEUSE
de Patrice Leconte

15 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE STORY OF WILL ROGERS
de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
WEISSE REISE
de Werner Schroeter

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
WHITY
de Rainer Werner Fassbinder

21H45 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"

MARCHE À L'OMBRE
de Michael Blanc

16 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"

FUNNY BONES
de Peter Chelsom

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ERA UMA VEZ... O WESTERN
IL MIO NOME È NESSUNO
de Tonino Valeri

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
LA RUPTURE
de Raymonde Carasco

21H45 | ESPLANADA | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"

L'IVRESSE DU POUVOIR
de Claude Chabrol

17 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
BRITISH AGENT
de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
PAULINA S'EN VA
de André Téchiné

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
UNE AVENTURE DE BILLY LE KID
de Luc Moullet

21H45 | ESPLANADA | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"
WHAT DREAMS MAY COME
de Vincent Ward

18 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ERA UMA VEZ... O WESTERN
EL TOPO
de Alejandro Jodorowsky

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ERA UMA VEZ... O WESTERN
O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO
de Glauber Rocha

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
LA PALOMA
de Daniel Schmid

21H45 | ESPLANADA | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"
UNBREAKABLE
de M. Night Shyamalan

19 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR - SÁBADOS EM FAMÍLIA
YUKI & NINA
de Hippolyte Girardot, Nobuhiro Suwa

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA A DAVID STENN
BOMBSHELL
de Victor Fleming

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
VIRGINIA CITY
de Michael Curtiz

21H45 | ESPLANADA | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"
GIRL WITH A PEARL EARRING
de Peter Webber

21 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
JIMMY THE GENT
de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA A DAVID STENN
GIRL 27
de David Stenn

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"
THE DISAPPERANCE OF FINBAR
de Sue Clayton

21H45 | ESPLANADA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
TIEMPO DE MORIR
de Arturo Ripstein

22 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA A DAVID STENN
HOOPLA
de Frank Lloyd

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA A DAVID STENN
STARLET
de Sean Baker

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"
FUNNY BONES
de Peter Chelsom

21H45 | ESPLANADA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
IL GRANDE SILENZIO
de Sergio Corbucci

23 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ERA UMA VEZ... O WESTERN
WHITY
de Rainer Werner Fassbinder

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA A DAVID STENN
THE GODDESS
de John Cromwell

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
IL MIO NOME È NESSUNO
de Tonino Valeri

21H45 | ESPLANADA | CARTA BRANCA A DAVID STENN
STARLET
de Sean Baker

24 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"
WHAT DREAM MAY COME
de Vicent Ward

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA A DAVID STENN
IL GIARDINO DEL FINZI-CONTINI
de Vittorio De Sica

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE STORY OF WILL ROGERS
de Michael Curtiz

21H45 | ESPLANADA | CARTA BRANCA A DAVID STENN
BOMBSHELL
de Victor Fleming

25 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA A DAVID STENN
IT
de Clarence G. Badger

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA A DAVID STENN
NETWORK
de Sidney Lumet

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
UN CORDE UN COLT...
de Robert Hossein

21H45 | ESPLANADA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
KEOMA
de Enzo G. Castellari

26 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR - SÁBADOS EM FAMÍLIA
LITTLE MISS SUNSHINE
de Valerie Faris, Jonathan Dayton

16H00 | SALA LUÍS DE PINA | BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA
OUT ONE/SPECTRE
de Jacques Rivette

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA A DAVID STENN
VICTIMAS DEL PECADO
de Emilio Fernández

21H45 | ESPLANADA | CARTA BRANCA A DAVID STENN
THREE ON A MATCH
de Mervyn LeRoy

28 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
WE'RE NO ANGELS
de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"
JUDE
de Michael Winterbottom

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | CARTA BRANCA A DAVID STENN
GIRL 27
de David Stenn

21H45 | ESPLANADA | CARTA BRANCA A DAVID STENN
NETWORK
de Sidney Lumet

29 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA A DAVID STENN
IL GIARDINO DEI FINZI-CONTINI
de Vittorio De Sica

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"
GIRL WITH THE PEARL EARRING
de Peter Webber

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ERA UMA VEZ... O WESTERN
I CRUDELI
de Sergio Corbucci

21H45 | ESPLANADA | CARTA BRANCA A DAVID STENN
THE GODDESS
de John Cromwell

30 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ERA UMA VEZ... O WESTERN
C'ERA UNA VOLTA IL WEST
de Sergio Leone

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"
UNBREAKABLE
de M. Night Shyamalan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | CARTA BRANCA A DAVID STENN
THREE ON A MATCH
de Mervyn LeRoy

21H45 | ESPLANADA | CARTA BRANCA A DAVID STENN
VICTIMAS DEL PECADO
de Emilio Fernández

31 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE CABIN IN THE COTTON
de Michael Curtiz

19H00 | SALA LUÍS DE PINA | EDUARDO SERRA,
"INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ"
A THERAPY
de Roman Polanski
L'IVRESSE DU POUVOIR
de Claude Chabrol

19H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CARTA BRANCA A DAVID STENN
HOOPLA
de Frank Lloyd

21H45 | ESPLANADA | CARTA BRANCA A DAVID STENN
IT
de Clarence G. Badger